Sabbado 29 de Janeiro de 1916

UMA TAREFA DIFFICIL

WENCESLÁO — Não é só de uma revisão que ella caréce. E' preciso fazer uma *reconstituição*.

SÓ

É CALVO QUEM QUER
PERDE O CABELLO QUEM QUER
TEM BARBA FALHADA QUEM QUER
TEM CASPA QUEM QUER

PORQUE O PILOGENIO

Faz nascer novos cabellos, impede a sua quéda, faz vir uma barba forte e sadia e faz desapparecer completamente a caspa e quaesquer parasitas da cabeça, barba e sobrancelhas. Numerosos casos de curas em pessoas conhecidas, provam a sua efficacia.

BEXIGA, RINS, PROSTATA, URETHRA

A URUFORMINA GRANULADA de Giffoni é um precioso diuretico e antiseptico dos rins, da bexiga, da urethra e dos intestinos. Dissolve o acido urico e os uratos. Por isso é ella empregada sempre com feliz resultado nas influencia renal, cystites, pyelites, nephrites, pyelo-nephrites, urethrites chronicas, inflamação da prostata, catharro da bexiga, typho abdominal, uremia, diathese urica, arêas, calculos, etc.

As pessoas idosas ou não que têm a bexiga preguiçosa, e cuja urina se decompõe facilmente devido a retenção, encontrada na URUFORMINA de GIFFONI um verdadeiro ESPECIFICO porque ella não só facilita e augmenta a DIURESE, como desinfecta a BEXIGA e a URINA evitando a fermentação desta e a infecção do organismo pelos productos dessa decomposição. Numerosos attestados dos mais notaveis clinicos provam a efficacia. Vide a bulla que acompanha cada frasco.

ENCONTRA-SE NAS BOAS DROGARIAS E PHARMACIAS DESTA CAPITAL E DOS ESTADOS E NO

Deposito: Drogaria Francisco Giffoni & C. — 1.º de Março, 17 — Rio de Janeiro

A guerra, julgada pelos grandes escriptores

VI

Foi depois do diluvio que esses assoladores de provincias a que se deu o nome de conquistadores, impellidos sómente pela gloria de mandar, exterminaram tantos innocentes... Depois desse tempo, a ambição dispoz, sem nenhum limite, da vida dos homens; estes chegaram ao ponto de se matarem uns aos outros sem se odiarem. O cumulo da gloria e a mais bella de todas as acções foi a dos homens se matarem mutuamente. — *Bossuet.*

A guerra tem por si a antiguidade: sempre a viram encher o mundo de viúvas e orphãos, esgotar de herdeiros as familias, e fazer morrer os irmãos numa mesma batalha... Em todos os tempos, os homens, por qualquer pedaço de terra a mais ou a menos, convencionaram entre si despojarem-se, queimarem-se, matarem-se, degolarem-se uns aos outros. E, para mais engenhosamente o fazerem e com mais segurança, inventaram regras perfeitas, a que chamaram arte militar. A' pratica d'essas regras ligaram a gloria e a reputação mais solida; e, depois, de seculo para seculo, aperfeiçoaram sempre a maneira de reciprocamente se destruirem. — *La Bruyère.*

Bellos e ultra-modernos borzeguins de pellica envernizada, cano branco e de côres

18$, 20$ e 22$

Borzeguins brancos, biqueira de verniz — ultima creação da moda

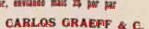
18$, 20$ e 23$

CASA GUIOMAR - Avenida Passos, 120

TEL. 4424 N. —o— CARLOS GRAEFF & C.

706 707

CASA COLOMBO

AVENIDA

E

OUVIDOR

SECÇÃO MENINOS

706 — Brim listrado, artigo inglez, a começar... 7$500

707 — Brim branco, artigo inglez, fino, a começar... 11$500

708 — Brim branco, artigo fino, inglez, a começar... 13$500

709 — Brim branco, artigo fino, americano, a começar... 17$500

TUDO PARA CRIANÇAS

708 709

ARCHIVO UNIVERSAL

AUTOGRAPHOS. — Para quem tem a mania de collecciona-los, os autographos estão agóra encarecendo extraordinariamente. Uma assignatura de Francisco I vendia-se a 5 francos na epoca da Restauração, na França, valendo 15 uma carta de Bossuet. O seu valor quintuplicou-se hoje, como, aliás, o de todos outros autographos, cuja falta é imperdoavel numa collecção apenas passavel. A ultima carta de Napoleão a Maria Luiza foi vendida por 1.200 francos em 1860, e revendida mais tarde por 2.800. Desde 1876 até hoje o augmento de preço tem progredido de fórma assustadora. Basta dizer que o original do testamento de Voltaire vale agora cerca de dez contos e uma simples assignatura de Raphael não custa menos de cinco contos.

* * *

OS ANTIGOS NOMES DOS PAIZES EUROPEUS. — Poucos são os paizes europeus que conservam ainda os nomes que tinham na antiguidade. A Italia, por exemplo, chamou-se em tempos muito remotos «Esperia», que significa «terra occidental», ou, mais exactamente, «terra donde vem a noite». O nome actual derivou de Italus que, conforme a lenda, a governava na epoca em que alli chegou Enéas, fugindo da destruição de Troya. A França chamava-se Gallia, derivando o seu nome actual dos Francos que habitavam entre o Rheno e o Elba e que a invadiram no seculo terceiro da nossa éra. A Inglaterra, antigamente habitada pelos «Britones» ou Bretões, chamava-se Britannia. Os Anglo-Saxões mudaram-lhe o nome para o de «Angeland» ou «Terra estreita», do qual derivou o de England (Inglaterra). A Escossia chamava-se Caledonia, e a Irlanda, Ibernia.

A Belgica chamava-se Gallia Belga. A Polonia denominava-se antigamente Lithuania. A Russia era conhecida pelos antigos pelo nome de Scithia, a nordeste; Sarmathia, a sudeste, e Slavonia a sudoeste. A sua denominação actual é, provavelmente, de origem scandinava. Parece derivada de uma provincia sueca cujos habitantes chamavam-se outróra «Rhos» ou «Rhotz». Ainda no tempo de Carlos XII os finlandezes denominavam a Suecia-Roslagen. Luzitania era o nome antigo de Portugal; Iberia, o da Hespanha; Germania, o da Allemanha. A Austria chamava-se antigamente Istria, nome derivado do rio Ister, hoje Danubio.

O MAIS LONGO SITIO DA HISTORIA. — O mais prolongado cerco que a Historia registra é o da cidade de Azoth. Psametico, rei do Egypto, rompendo em guerra contra o rei da Assyria, invadiu a Palestina. A sua marcha, porém, foi logo detida pela cidade de Azoth, uma das principaes do paiz, dedicada ao idolo de Dacon. Psametico sitiou-a por terra e por mar com quatorze mil soldados. Repellido em tres assaltos successivos, estabeleceu seus acampamentos em torno da praça; mas os sitiados, reabastecidos de viveres pelos Hebreus e pelos habitantes de Tyro, resistiram longamente.

Passaram assim varios lustros, e a cidade só foi tomada depois de 29 annos de sitio, no anno 621 antes de Christo.

* * *

O ASSUCAR COMO ALIMENTO. — Um physiologo italiano, o professor Mosso, realizou notaveis estudos sobre o valor do assucar como elemento de alimentação. Este scientista demonstrou, por meio de um seu instrumento especial, o «ergographo», que o assucar é a substancia que mais rapidamente reintegra a resistencia dos musculos fatigados. Este phenomeno tem sido estudado em diversas occasiões, inclusive entre exercitos de nações européas.

* * *

A OPÁLA DOS HABSBURGOS. — A historia dos Habsburgos é, como se sabe, das mais tragicas. Testemunha de tantas catastrophes familiares, o velho imperador Francisco José considera, por vezes, proxima a hora em que seu imperio se desmantelará.

Os supersticiosos saberão com curiosidade que os Habsburgos têm sempre conservado, como uma das mais preciosas pedras da corôa, uma opála que considéram como um talisman, emquanto muita gente ha que receia o azar dessa pedra.

Tem-se dito com effeito que, quando um infortunio se devia produzir na familia imperial, a opála se alterava, cobrindo-se de veias, sob a fórma de lagrimas. Ora Francisco José decidiu agora vender essa joia, que péza 17 onças e está avaliada em 1.250.000 francos. E' uma grande casa de Amsterdam que está encarregada das negociações da venda.

CASA MERCURIO

Sortimento variadissimo em lampeões de kerozene, alcool, carbureto, artigos para electricidade, lustres, estylos modernos.

GRANDE SORTIMENTO EM ABAT-JOURS DE SEDA

Preços reduzidos

P. de Oliveira Neves

Uruguayana, 182 •• Telephone 8044

MEDICINA EM PILULAS

Os pretensos aperitivos, de que se faz tão grande uso, não têm a menor acção estimulante sobre a digestão. — D. Beaumetz.

•

A mortalidade produzida pelas doenças do systhema nervoso é duas vezes maior nas cidades que nos campos. — Dr. Boudin.

•

E' preciso a temperatura da ebullição para destruir o microbio do botulismo (envenenamento pela salchicha ou pelas conservas de carne). — Van Ermenqem.

•

Dos 50 aos 80 annos, a estatura do homem perde cerca de 7 centimetros e seu peso diminúe de 6 a 7 kilos. — Becquerel.

•

A perda de certas aptidões da memoria é a consequencia habitual do uso do fumo. — Dr. Foussagrives.

•

As moscas conservam vivos no corpo durante duas horas os bacillos apanhados nas dejecções dos cholericos. — Dr. Uffelmann.

•

Os germens da febre typhoide têm por vehiculos a agua, as roupas dos doentes e as mãos de seus guardas. — Dr. Brouardel.

Tosse? BROMIL

Laboratorio DAUDT & LAGUNILLA — Rio

CAIXA 115

Mappin & Webb

TELEPHONE 489-Norte

GRANDES FABRICANTES

Baixellas

Talheres

Floreiras

Jarros etc. etc.

Serviços para chá

Café e lavatorio

Cestas para flores,

fructas, pão, etc.

Molheira

Modelos especiaes para Hoteis, Restaurants, etc., etc.

Fornecedores dos Principaes Hoteis e Emprezas congeneres em toda a parte do mundo

Pratos para carne e peixe

Modelo

« Gadroon »

—o—

Uma linda baixella de oito peças

Rs. 600$000

Sopeira

Pratos redondos

PREÇO FIXO

100 OUVIDOR RIO DE JANEIRO

FILIAL — RUA 15 DE NOVEMBRO, 28 — S. PAULO

Redacção e Officinas: — Rua da Assembléa, 70 — Rio de Janeiro

ASSIGNATURAS
ANNO . . . . . . 15$000 | SEMESTRE. 8$000

NUMERO AVULSO
CAPITAL . . . . 300 Rs. — ESTADOS . . . . 400 Rs.

END. TELEG. KÓSMOS

TELEPHONE N. 5341

N. 397 — RIO DE JANEIRO — SABBADO — 29 — JANEIRO — 1916 — ANNO IX

A ARGENTINA MILITAR E NAVAL

1º TENENTE GENSERICO DE VASCONCELLOS

O grave problema da efficaz preparação militar, e consequente organisação da defeza, tão facilmente resolvido por todos os paizes organisados, no nosso, desde a evidencia que lhe deu, em S. Paulo, dirigindo-se á futurosa mocidade academica, o grande poeta Olavo Bilac, preoccupa de modo serio o accordado espirito nacional.

Em tão opportuno momento, como que respondendo ás curiosas perguntas fluctuantes pelos ares brasileiros e correspondendo ás necessidades de inadiaveis informações capazes de mostrar aos olhos menos abertos, realidades percebidas por alguns e desdenhadas por quasi todos, apparece o magnifico livro sobre a *Argentina militar e naval*, escripto com elegante precisão pelo 1º Tenente de Artilheria Genserico de Vasconcellos, ex-addido militar em Buenos Ayres.

Para quem acompanha, com o desenvolvimento economico e financeiro dos nossos activos visinhos platinos, as oscillações sul-americanas da politica, este livro em que se estudam assumptos militares e não se fala em problemas politicos, é, senão um vibrante grito de alarme, um aviso auctorisado feito com discrição.

Nelle encontramos, descripto com paciencia depois de fructuosas observações, o forte poder militar da Argentina, terrivel poder que, como essa obra o demonstra, não é uma bruta molle resultante do rapido amontoar de medidas transitorias determinadas pela angustiosa precisão dos momentos criticos, mas o logico resultado de meditado trabalho lento, o fructo natural de sabias medidas permanentes.

Tudo, no grande exercito desse esforçado paiz de populações numericamente inferiores ás nossas, foi estudado com serenidade, provido sem atropello, previsto com calma sabedoria.

Se uma guerra, explodindo de subito na America do Sul, chamasse a Argentina aos campos de batalha, o seu esplendido exercito, pela sua disciplinada regularidade, faria pensar na irreprehensivel perfeição com que se movem, atravez do mundo europeu conflagrado, os formidaveis exercitos germanicos.

Os nossos altos administradores que se dizem empenhados na magna obra da regeneração civica e da organisação militar da patria, devem ler e reler com attenção meticulosa o optimo livro do operoso official.

Esse livro encerra observações e conceitos uteis ao Brasil neste afflicto momento de reparação de energias por meio da reeducação nacional.

O argentino, como nol-o diz o Tenente Genserico, inicia a sua correcta educação militar nos bancos da escola primaria, aprendendo a acceitar com ufania os os seus deveres para com a patria, collocando a bandeira acima de todos os symbolos, e cultuando os heroes patricios.

Em outros tempos, quando eramos o que os argentinos são e nós já não somos, as nossas armas victoriosas levaram aos povos do Prata a liberdade juridica a cuja sombra fecundamente medrou o progresso. Que de lá nos venham as lições que desentorpeçam as nossas armas, tornando-as aptas para a nossa defesa actual e futura.

Cem annos atráz os navios de guerra duravam quasi seis vezes o tempo que hoje duram, e ficavam em serviço activo aproximadamente todo o tempo de sua commissão.

A *Victoria*, por exemplo, tinha quarenta annos de idade quando serviu de navio almirante de Nelson na memoravel batalha de Trafalgar.

Um navio de guerra, de linha, o Royal William foi construido em Chattam em 1670 e não foi posto de lado senão em 1813, tendo sido reconstruido varias vezes antes de sua baixa final.

* * *

Leis contra o beijo

Em 1439 o parlamento inglez aprovou uma lei prohibindo o beijo devido á peste que grassava na Inglaterra e na França.

Esta é a unica lei adoptada na Inglaterra contra o beijo, mas em outros paizes ha regulamentos muito rigorosos contra o beijo em publico.

Nas linhas ferreas da Baviera é prohibido o beijo e a Central Railway Co. de Nova York constróe em cada nova estação uma *kissing gallery* ou plataforma elevada, onde os passageiros podem despedir-se beijar-se á vontade, para o não fazerem nos carros, onde é prohibido.

UM POUCO DE TUDO

Marcas de lavanderia

As marcas de lavanderia variam muito de um paiz para outro. Estamos acostumados aos pequenos numeros com que as nossas roupas vêm marcadas da lavagem. Em outras partes as lavanderias não são assim razoaveis.

Em alguns logares da França a roupa branca é estampada com o nome e o endereço completo da lavanderia, alem de uma fuga geometrica para designar o dono.

Na Baviera cada peça leva um numero estampado em grossos caracteres. Em outras partes da Allemanha uma etiqueta de algodão é applicada á roupa por meio de um adhesivo a prova de agua quente.

Na Bulgaria a roupa leva uma porção de carimbos e na Russia em geral é marcada a linha. Em algumas partes da Russia a policia expede periodicamente regulamentos para as lavanderias, emquanto que, em Odessa são a estas fornecidos livros de marcas, que são as unicas cujo uso é permittido. Por este systema se pode acompanhar o rasto de criminosos e agitadores revolucionarios.

* * *

Vida de um vaso de guerra

Os peritos navaes calculam a vida activa de um moderno vaso de guerra em cerca de quinze annos.

Festa de S. Sebastião no Morro do Castello.

Ha dous annos uma companhia de estradas de ferro franceza promulgou um regulamento incluindo o beijo na lista das cousas prohibidas em seus carros.

Nos estados Estados Unidos se foi mais longe. Ha pouco tempo os medicos de Milwaikee redigiram e offereceram á legislatura um projecto de lei estabelecendo a supresssão absoluta do beijo, sob o fundamento de que esta pratica constitue uma ameaça á saude.

* * *

Nostalgia dos soldados

A nostalgia é, desde muito tempo, conhecida como molestia militar que ataca os recrutas, e mesmo os soldados veteranos, quando servem por longos periodos em climas estrangeiros. Um scientista francez publicou sobre a molestia um livro, no qual diz que os symptomas da nostalgia são: grande depressão mental, perda de apetite, indiferença ao que se passa em torno e ação irregular dos orgams digestivos.

Os maus efeitos da nostalgia foram primeiro notados nos soldados suissos, que por muito formaram corpos de mercenarios. Os homens foram prohibidos de cantar ou de ouvir as melodias de seu paiz, para evitar que surgisse n'eles avassaladora a saudade de seus lares montanhosos. Um medico escrevendo na epoca, citou varios casos de serios resultados da musica sentimental sobre soldados combatendo longe de seus paizes.

Um medico inglez observou que a nostalgia é uma molestia muito commum entre prisioneiros de guerra, que manifestam sintomas de choro historico, febre e rapido emagrecimento do rosto.

X.

Entre collegiaes :

— Meu tio tem uma irmã que não é minha tia.

— Isso não pode ser.

— Pode perfeitamente.

— Então si não é sua tia, que lhe vem ella ser ?

— E' minha mãe !

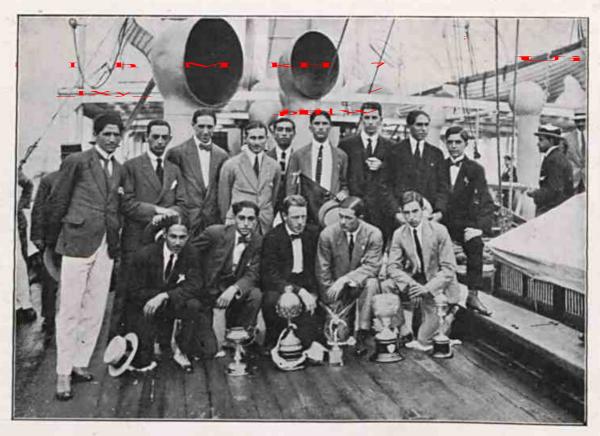
Sabeis porque aborrecemos tanto os avarentos ? E' porque nada podemos tirar d'elles — *Voltaire.*

— Eu quero um «chauffeur» desembaraçado. O Sr. tem essa qualidade ?

— Posso affirmar que sim. Quando me acontece atropelar alguem, fujo com tal desembaraço, que a policia não me pode tomar o numero.

Festa de S. Sebastião no Morro do Castello

O Paraizo Terrestre, onde, conforme a Biblia, Deus creou e collocou Adão e Eva, nossos primeiros paes, era situado entre os rios Tigre e Euphrates, no local agora transformado pelos Turcos e Inglezes num verdadeiro inferno de carnificina.

O Team de Foot-ball do Club de Regatas Flamengo

Os vencedores de todos os encontros no Pará, de regresso ao Rio

RETICENCIAS

...«like thoughts, sweet thoughts, in a dream...»

SHELLEY

Acceso o primeiro cigarro e entregue a si mesmo o pensamento, sempre revel em inicios de chronica, é um capitulo intimo que, subito, á luz da manhã, se me desdobra na memoria entre o fumo azul e a tira branca...

Em essencia, o jornalista é um improvisador. No *reporter* mais obscuro ha um repentista original e profundo, obrigado a versar depressa, no passionario dos plantões, os mesmos themas que, de Homero a Ibsen, resumem as agitações humanas...

Que sementeira de belleza podiam ser os casos do dia e as notas de policia!

Mas o nosso estro não tem no desvario dos poetas a sua fonte, epica, lyrica, tragica ou bucolica. Somos os mentirosos immediatos do real, isto é, os seus transfiguradores para o minuto de bonde e rua de quem indaga. No entanto, ás vezes, longamente gozamos as phantasias do officio. Sentimo-nos tambem inclinados á aventura e procedemos como o personagem romantico da novella franceza: — um papel ao vento e a direcção que elle toma... Aonde irá? Que ventura se o rumo conduzir ás plagas indecisas do que foi! As visões do passado merecem o verso do querido poeta: são como doces pensamentos num sonho. Ha um encanto que nem todos conhecem: é o de molhar a penna confiando-a ás reminiscencias. Dentro de nós, invocadas, certas vozes acordam, e ha imagens delidas que se relevam, escuras fórmas, apparentemente desfeitas, que estremecem. Poeta não appareceu ignorante do fino goso triste e do enlevo crepuscular destas resurreições. A consciencia é um sepulcrario de sentimentos e de sensações, de ideias e de sonhos, poeira dispersa de lembranças que a saudade resurge, anima e aureola. Vibre na esphera superna das creações de poema e romance ou na columna ephemera das chronicas de imprensa, todo artista se revê nos lindos diminutivos dos versos de Adriano sobre a varia, anciosa, multiforme alma dos homens.

...Animula vagula, blandula
Hospes, comesque corporis...

Ebria de belleza, ella percorre voluvel o Universo, do odio á antipathia, do mal á virtude, do crime ao heroismo e sempre de illusão em illusão, de esperança em esperança, de amor em amor. Um poder que se implanta, outro que rue, um povo que ascende sobre o esphacelo do vencido, o affecto sincero e as comedias do affecto, o grotesco e o sublime,

tudo a attráe, a tudo se prende e de tudo foge. Pequenina, inquieta, nomade, insaciavel, eis, semelhan-ás outras, a nossa alma...

Dia a dia e de logar em logar, esquecida do que viu, pensou e sentiu, perece a tenue flamma. Avida de dominio sobre a materia espêssa, que ella quizéra voltasse a ser luz, a sua ambição cessa num anhelito.

Fugidia e fragil, raio e caricia, parenthese animado de sol na treva, mas tambem treva que se agita e ameaça, morre em cada hora que finda, para continuar num respiro a rolda eterna das paixões. Nem tudo, porem, é um fogo-fatuo de transcursos. Ha segundos que valem sempres.

Nas polegadas de uma pagina, chronista, pódes fazer brincar, invisivel, e só para ti, um mundo que parece morto.

Entrega a penna ao coração, evoca o teu eden, evoca o teu sabbat e verás que nenhuma crença perece e não morre nenhum amor. Se brandires sobre o além a caneta, como uma vara magica, todas as divindades que se unem e palpitam no teu silencio interior, todas falarão. Uma palavra, e o espectaculo a que assististe, tal qual decorreu quando lhe eras parte, resurgirá.

Resurgirá o socio, resurgirá a amada...

Recorda, amigo, e que nas espiraes do teu cigarro e no raio de luz da tua mesa paire um instante a visão de Shelley...

Guys

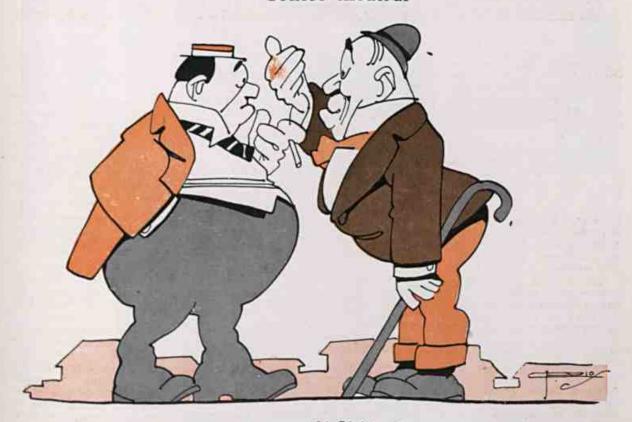
Acaba de morrer na guerra o Christo de Oberammergan

Os nossos leitores conhecem com certeza, através das bellas e suggestivas paginas dos *Vultos e Factos*, do Dr. Affonso Celso, a celebre representação annual da Paixão de Christo, interpretada por camponezes em Oberammergan, na Allemanha.

Anton Lang que, ha muitos annos, figurava de Christo nessas representações que attrahiam numerosa concurrencia de espectadores do mundo inteiro, logo que rebentou a guerra teve de seguir para o seu regimento. Cortou os longos cabellos louros, a barba virgem, á nazarena, marchou para o combate, cahindo, ha pouco, mortalmente ferido, perto do principe Ruprecht da Baviera.

Antes de morrer, Anton Lang serviu a causa imperial com a sua physionomia. Tiraram-lhe o retrato, como representava nos mysterios da paixão, e destribuiram-no profusamente aos soldados, em cartões postaes, sob o titulo «Jesus na trincheira», com as seguintes palavras de Christo aos pastores da sua Egreja: «Eis que estou convosco todos os dias!»

Eis uma descripção desses cartões. Quatro soldados, usando o tradicional capacete *pontudo*, estão apoiados ao parapeito de uma trincheira, com a carabina na mão, olhando o horizonte onde se advinha o inimigo. A' direita, na trincheira, mostrando, como os soldados, quasi toda a altura do corpo, o Christo tradicional, com as suas vestes brancas, fita os combatentes, estendendo a mão no rumo do inimigo.

Tonico theatral

— Não foste ao theatro da natureza?! Oh?!... Devias ter ido. Imagina tu: uma platéa ao relento onde se respira o oxygenio puro das arvores e um reconstituinte *ar scenico*.

MATRIZ DA GLORIA

Aspecto matinal da Praça Duque de Caxias

semana passada, estava o major Vidinha, com um jornal debaixo do braço, a esperar um bonde, quando d'elle se approximou um garôto:

— Moço, *mi* dá a *fôia*?

Suppondo que o individuo era um gatuno atrevido que lhe exigia o *picuá* de diamantes, o negociante arrancou de uma garrucha ante-diluviana, e poz a bocca no mundo:

— Gatuno!, quer me roubar! Acudam! Acudam!

Formou-se logo um grande ajuntamento, sendo levado á delegacia o infeliz major Vidinha, que apezar de explicar o caso, foi detido e autoado pelo uso de arma prohibida.

C.

O estudo profundo das modas é a litteratura de muitas mulheres — *Beauchène*.

"Moço, mi dá a fôia?"

Apezar do protesto e reclamações da impressa, a policia nenhuma providencia tomou ainda, ao que parece, contra o abuso de assaltarem garôtos aos passageiros dos bondes, para lhes pedirem o jornal, com o já classico «Moço *mi* dá a *fôia*?»

Ora, esse detestavel costume da meninada impertinente ia, ha dias, sendo causa de uma quasi-tragedia.

Eis como se deu o caso. Acha-se nesta capital, hospedado n'uma pensão em Botafogo, um mineiro, vendedor de diamantes, o major Pedro Vidinha. Digamos, de passagem, que, no Norte de Minas, todo o individuo que anda calçado e sabe ler e escrever, é official da Guarda Nacional, ou... tratado como tal, que vem a dar na mesma cousa. Até a idade de trinta annos, é tratado de *capitão Fulano de tal*; *major*, dos quarenta aos cincoenta annos, e *coronel* dahi por diante.

O major Vidinha, que pertence a essa immensa brigada e reside no arraial do Inhahy, resolveu a mezes vir ao Rio vender uma partida de diamantes. Como não conhecia esta capital, um amigo que aqui já viera, lhe recommendou todo o cuidado com os gatunos e passadores do conto do vigario.

O negociante trazia as pedras preciosas num *picuá* (pequeno canudo) de folha de Flandres. Num dia da

A sahida da missa das 11 horas

Por causa da escassez de tintas em consequencia da guerra européa o governo do Uruguay teve que mudar a côr de seus sellos.

Affirmam alguns cirurgiões inglezes que o «branco immaculado», caracteristico das roupas e paredes dos hospitaes — é fatigante para a vista dos doentes. Por isto, em muitos hospitaes da Inglaterra, o branco está sendo substituido pelo verde, côr suave e tranquilla que não cansa a vista e não põe em tão flagrante contraste o vermelho e o violaceo das feridas.

Presente de noivado

— Admiravel o collar de perolas que seu genro deu á noiva como prenda de noivado!

— Admiravel, não ha duvida! Custou dezoito contos e setecentos mil réis.

— E como lhe soube o custo com tanta exactidão?

— Porque passado um mez fui eu que tive de pagal-o!

Entra sempre um pouco de amor no odio de uma mulher.

— Repara que N. está querendo conquistar tua mulher.

— Deixa-o em paz, respondeu o outro serenamente. Isto não me incommoda: elle se cançará em vão, como aconteceu commigo.

Bertha: — Quando fallaste a papae, disseste-lhe que tinhas cincoenta contos no Banco?

Jorge: — Disse-lhe, sim.

Bertha: — E elle gostou d'isso?

Jorge: — Gostou immenso. Pediu-me logo quinhentos mil réis emprestados.

CYCLE CLUB

Diversos aspectos da Corrida do dia 23

— Afinal em que consiste a pena de talião? Explica'o!

— Nada mais simples. Si tu me arrancares um dente, eu devo arrancar-te outro; si me cortares a cabeça eu tenho de cortar-te a tua!...

Certo dia um amigo disse a Bois-Robert:

Londres e Petrogrado são as duas unicas capitaes européas virgens de occupação extrangeira. E parece que na actual guerra manterão as duas metropoles esta situação privilegiada.

O RIGOR DA CANICULA QUE NOS FLAGELLA

Uma idéa aos poderes publicos

O Rio, nestes ultimos dias, tem-se transformado numa ardente fornalha, com um calor senegalesco e uma atmosphera irrespiravel, de 37 e 38 gráos á sombra !

Sob a inclemencia do sol abrasador «o grande despota assassino d'Africa», na phrase de Maupassant, veem-se nas praças e nas ruas rostos afogueados, vermelhos, apopleticos, a pingar de suor. A' tarde e á noite, os «terrasses» da Avenida enchem-se de consumidores, a devorar gelados e refrescos, afflando furiosamente leques perfumados ou modestos e burguezes lenços brancos. Outros, mais impacientes (ou menos flagellados . . . ») vôam nos velozes autos ou nos bondes a procurar uma temperatura mais respiravel na Tijuca, no Leme, no Ipanema, no Sylvestre ou no Corcovado.

O rigor da Canicula no Rio está a exigir dos poderes municipaes uma providencia qualquer. Ha pouco o Conselho votou uma lei prohibindo que os carroceiros, carregadores ou quaesquer operarios andem descalços e em mangas de camisa. Em consequencia desse acto, já se têm visto ultimamente nesta cidade individuos, de sobrecasaca e chapéo alto, a puxarem carrocinhas e a fazerem carretos, numa innocente zombaria aos legisladores municipaes.

Ora, á vista do calor senegalesco que todos os annos nos flagella no verão, seria mais logico e mais humano que o Conselho Municipal, arranhando embora as velhas tradições e os austéros costumes, votasse uma lei permittindo aos municipes, durante toda a estação calmosa, andar com o trajo estrictamente necessario para não offender as susceptibilidades do Codigo Penal, isto é, um pouco mais do que a classica folha de parreira com que se contentaram os nossos primeiros paes.

Alvitramos aos poderes publicos essa idéa sensata e logica, e, pelo menos, mais viavel e mais facil do que a Revisão Constitucional...

Perfeitamente. Idéa viavel, facil, humana e grandemente philantropica.

Com effeito, quando, nos fins de dezembro, um terrivel sol africano começa a torrar esta heroica e leal cidade de S. Sebastião do Rio de Janeiro, as pessôas ricas, abastadas ou simplesmente «arremediadas» começam logo a emigrar, á procura de um clima mais supportavel, para as alturas de Petropolis, Friburgo e Theresopolis, Barbacena, ou para as aristocraticas estações d'aguas: Poços de Caldas, Caxambú, Lambary e S. Lourenço. Em tempos normaes, não eram poucas as familias que iam passar o verão na Europa. Mas, depois que o velho mundo começou a «pegar fogo», com a guerra, essas transmigrações quasi desappareceram... *et pour cause*...

Mas, os pobres e sem recursos, que formam a immensa maioria da população desta capital, não podendo se pagar o luxo cáro de um veraneamento «extra-muros», devem ter, do governo, uma compensação, que lhes mitigue um pouco as agruras do calor.

Ora, fica muito mais barato que, durante os tres mezes do verão, o povo se vista o menos possivel, do que ter de transportar para lugares de clima suave centenas de milhares de individuos. Sim, porque de uma hora para outra, o povo carioca, que tudo reclama, pode querer exigir do governo que... supprima o calor e decrete abolido o verão.

* * *

Uma aposta entre S. Miguel e o Diabo

Brigaram uma vez S. Miguel e o Diabo, causando grande escandalo e alarido na côrte celestial, porque o segundo dizia que todas as mulheres eram teimosas e faladeiras, e o primeiro affirmava que poderia haver alguma que o não fosse.

Para acabar com a teima em que estavam, e que ameaçava conflagrar o céo e o inferno, resolveu S. Miguel ir correr mundo, á procura de uma mulher que não fosse teimosa nem faladeira.

Cançou-se S. Miguel de tanto andar pelo mundo sem encontrar a mulher que procurava. Afinal, sentindo-se estafado, estirou-se á sombra de uma moita de madresilva.

Succedeu, porém, que do outro lado estavam umas mulheres, as quaes olhando para S. Miguel, por entre os ramos do arbusto, começaram a dizer que estava bebedo, porque tinha a cára muito vermelha, e que era um ladrão, que tinha roubado, talvez na egreja, a roupa que vestia; pois era a verdadeira roupa do S. Miguel do altar das almas.

Ora, entre as mulheres que assim murmuravam, havia uma velhinha que não disse mal d'elle, antes o fitava, sorrindo com muita doçura. E assim, aquella noite, quando a pobrezinha da mulher estava dormindo muito socegada na sua cama, chega S. Miguel, que a levanta sem ella dar por tal, lhe embrulha o corpo no lençol, e lhe cobre as madeixas brancas da cabeça com as suas azas de Archanjo, bem recurvas; e, abalando com ella nos braços por alli a fóra, chega ás portas do inferno, e põe-se a chamar pelo Diabo, gritando:

— Demonio de todos os demonios! anda cá, que te trago, para tu a vêres, a unica mulher que não tem imposturas, nem teimas, nem enredos, e que não murmúra!...

Sahe o Diabo, alagado em suór e quasi suffocado, com o calor que havia lá dentro; e desáta a rir como um perdido, na cara de S. Miguel, troçando d'elle; e por fim diz-lhe:

— Perdeste a aposta, pobre Archanjo! Essa mulher é muda e surda de nascença!

A. B.

Ingenuidade

O medico para o seu criado:

— João, vae ao meu consultorio, e na gaveta da direita da escrivaninha está...

— Uma caixa de charutos.

O medico, admirado: — Como os achaste?

— Excellentes, sr. doutor, excellentes.

UM HOMEM FEIO

Jean du Boys, escriptor francez da segunda plana, mas que borboleteou pelo jornal, pelo theatro, pela critica e pelo romance, algumas vezes com bastante felicidade e elegancia, não era horrendamente feio, mas tambem não era o que se pode chamar um «bonito homem».

Elle, que era vaidoso, um dia consolava-se desse mal, dizendo:

— Eu, quando era pequeno, era horrivel!

E Watripon, que o ouviu, replicou-lhe cruelmente:

— Pois estás perfeitamente conservado!

Reminiscencias

ELLA — (monologando). Quando eu o vi, pela primeira vez,... e adejei como uma vespa em torno do fogo de seu amor... e queimei a gaze de minhas azas... Foi uma unica vez... e uma vespa assada...

Pilulas elementares

Damos-lhes este nome, porque as compuzemos com os quatro elementos: terra, ar, fogo e agua.

Terra

Os antigos acreditavam que a terra era um disco chato.

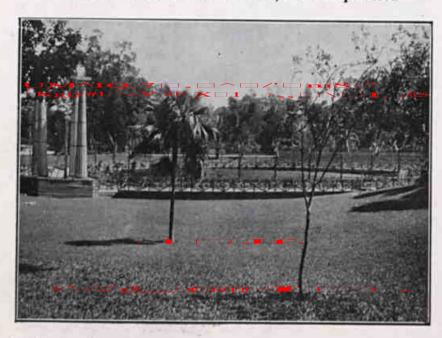
Se a agulha magnetica for colocada sobre um pivot e deixada oscilar livremente, ela toma a posição que é, aproximadamente a linha norte-sul.

O tempo occupado pela terra em seu circuito de 580 milhões de milhas é de 365 dias, 6 horas e 9 minutos, dando uma velocidade media de 66.000 milhas por hora.

No equador a circumferencia da terra é de 24.899 milhas. Esta é a mais longa distancia que pode ser vigiada em linha reta na sua superficie.

Thealro da Natureza na Praça da Republica

Aspectos do Palco e Platéa

Ar

O ar no verão é mais leve do que no inverno.

Os velhos respiram menor quantidade de ar do que os moços.

Os pequenos passaros cantores são, de todos os animaes, os que respiram mais vigorosamente.

O ar humido contem agua em forma de gaz e de vapor.

As atmosferas dos varios planetas diferem grandemente em qualidade.

O peso do ar, á superficie do mar é de quinze milhas por polegada quadrada.

E' um erro suppor que o ar da noite é perigoso de respirar. E' mais puro do que o do dia.

Se se envernisar um ovo, como o ar não poderá penetrar atravéz da casca, ele morrerá, e não sahirá pinto.

A população actual da terra é de cerca de 1.450.000.000 de almas.

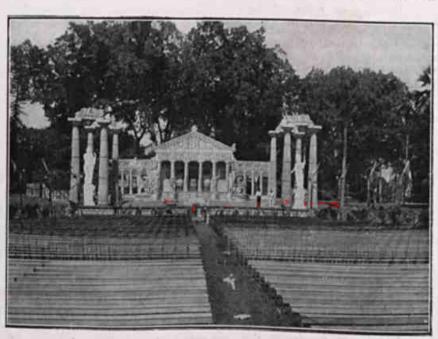
A ciencia de medição da superficie da terra chama-se geodesia.

O nosso pleneta não foi antigamente senão um grande globo gazoso.

A massa da terra pesa approximadamente 6.000.000.000.000.000.000.000 de toneladas — entenderam?

Como a terra gira, metade dela está sempre exposta á luz do sol, e a outra metade imersa em trevas.

Entre os planetas a terra vem em terceiro logar em ordem de proximidade do sol, vindo antes dela Mercurio e Venus.

Os cientistas não sabem dizer com exatidão a idade da terra. Calculam-n'a entre 10 e 40 milhões de anos.

O ar é composto quasi exclusivamente de dous gazes: quatro partes de hidrogeno e uma de oxigeno.

Fogo

O incendio de Roma durou oito dias.

Napoleão, Washington, Pedro I, não conheceram o bico de gaz, nem mesmo o lampeão de kerozene.

O incendio que consumiu Moscow em 1812 deu um prejuizo de seiscentos mil contos.

Não ha de fato construcções á prova de fogo, embora algumas sejam mais resistentes do que outras.

Maquinas para extincção de incendio já eram usadas pelos romanos.

A producção do fogo por meio de lentes de vidro já era conhecida dos antigos gregos.

O methodo original de produzir fogo foi a fricção de dois pedaços de madeira seca.

Os exercitos gregos e romanos nunca atravessavam a fronteira sem conduzirem um altar, no qual ardia um fogo sagrado.

Agua

A agua é quasi incomprehensivel.

A formula quimica da agua é H_2O.

A agua cobre 72 por cento da superficie da terra.

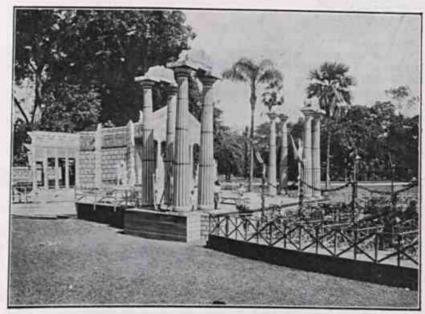
Não se encontra na natureza obra absolutamente pura.

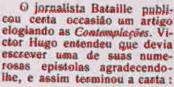
Não poderia haver nenhuma especie de vida animal ou vegetal se não existisse agua.

A agua do mar pode ser tornada potavel, filtrando-a por uma camada de arêa de tres metros de espessura.

X.

Theatro da Natureza na Praça da Republica

Aspectos do Palco e Platéa

Um trocadilho de Victor Hugo

O jornalista Bataille publicou certa occasião um artigo elogiando as *Contemplações*. Victor Hugo entendeu que devia escrever uma de suas numerosas epistolas agradecendo-lhe, e assim terminou a carta:

«O vosso nome não é *Batalha*, mas sim *Victoria*.»

O escriptor não se conteve e respondeu ao exilado de Guernesey:

«...*Victoria* — é o nome da minha cosinheira».

Por causa da falta absoluta de juta, antes usada para taes fins, os Allemães estão usando agora seda e velludo no fabrico de sacco de areia para as suas trincheiras.

A' HORA DO TREM

O trem vespertino para Petropolis sáe ás cinco e cincoenta... O grande ponteiro do grande relogio da estação dista trinta minutos das seis horas...

Os bondes, que passam, e os automoveis, que chegam, despejam compridas filas de pessoas, todas suando, muitas carregando embrulhos.

Na bilheteria e na estreita cancella de entrada, a gente, movendo-se com embaraço, tem nervosos gestos freneticos.

Entrecruzam-se, formigando, no interior dos carros, viandantes á conquista de bons lugares.

Beirando os trilhos, sob o alpendre, invadindo as acanhadas dependencias da estação, os veranistas já promptos para a partida conversam tranquillos ou passeiam calmos, emquanto, rapidos, correndo, perpassam os retardarios.

O dr. Rivadavia Correia, Prefeito do Districto Federal, com um ar de viva attenção, ouve o seu illustre secretario dr. Alvaro Rodrigues.

Furioso, gesticulando ao gordo flanco de pesado companheiro, vocifera desditoso individuo coberto de pó:

— Isto é um horror. Despachei as malas hontem, ao meio dia, e a minha mulher ainda não as recebeu em Petropolis. E' um horror. Já subi e desci, e agora torno a subir!

Afundando a asa clara de um riso num grave sulco de apprehensão, o Sub-secretario do Exterior darda perspicuo olhar circumfuso, e, certo de não ser percebido por indiscreta orelha estranha á diplomacia, diz uma curta phrase ao Introductor Diplomatico.

Brotam commentarios, ao lado:

— Temos complicação. Viram o aspecto apprehensivo do dr. Gastão da Cunha falando ao Ministro Guerra Duval?

Um mocito, rompendo o bojo á escura nuvem tormentosa, explica:

— Qual nada! Elle disse que está fazendo calor.

Num elegante grupo feminino, com a formosa cabeça comprimida pelo negro cinto de palha de um chapéo ornado de plumas, garrida senhora conta:

— Hoje é o anniversario de Lilah, e a familia Teixeira de Barros convoca os seus amigos para uma recepção na Villa Gaúcha, no Leme. O desejo de assistir a essa festa tira a alegria a este passeio a Petropolis.

Baixo e louro, o victorioso romancista Afranio Peixoto, contente director da Escola Normal, conversa com o vultuoso cathedratico Azevedo Sodré, satisfeito director da Instrucção Municipal.

Numa roda loquaz de immunisados representantes do povo democraticamente eleitos por nomeação dos governadores, um jornalista discorre sobre a perigosa revisão constitucional concebida pelo complicado cerebro mineiro do Presidente Braz:

— Quando o velho Pinheiro Machado, proferindo sermões no Morro da Graça ou discursando no Senado, dizia ser o defensor da magna carta, o sustentaculo da Constituição, o esteio do edificio construido a 24 de Fevereiro, as nossas gargalhadas reboavam, estridulas, de norte a sul. O caudilho morre. Cem dias depois de sua morte, o famoso edificio treme e começa a cahir.

Passando entre os srs. Henrique Raul Chaves e Gustavo van Erven, o presidente da Sociedade de Homens de Letras, Oscar Lopes, guinda a sua ambarina piteira extensa como as altas chaminés fumarentas. Corta-lhe o passo o desavisado auctor de aspera nota relativa aos vulgares incidentes petropolitanos de trens:

— Metteste-me o páo, de rijo, na ultima chronica.

Houvera um coincidencia. Os dois, dizendo cousas oppostas, escreveram sobre o mesmo assumpto, mas, porque o seu amargo escripto tinha apparecido uma noite antes de surgir a fina chronica do seu brilhante amigo, chafurda-se o queixoso na volupia brasileira da lamuria:

— Quando atirei a minha paulada, não imaginei que podesse, com ella, sacudir a poeira do teu casaco, e tu, sabendo que batias no meu espinhaço, bateste com toda a força...

Riram-se... Pancadas que provocam risos não arrancam dores...

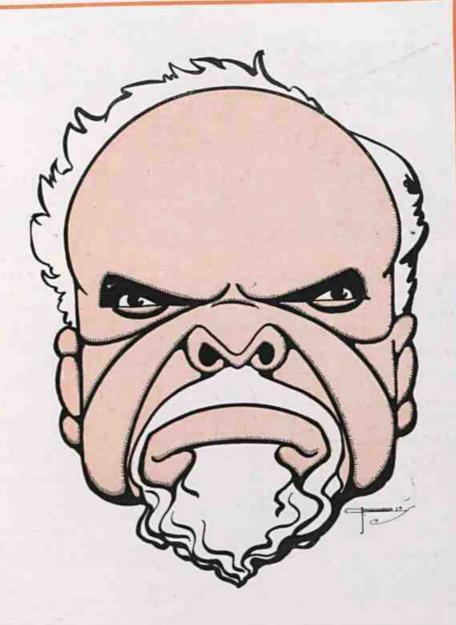
No botequim, tomando uma limonada, um erudito cavalheiro affeito aos deliciosos imprevistos errantes das viagens, considera:

— Por este casarão desfilam os homens mais eminentes e as mulheres mais elegantes do Brasil, e não se vislumbra aqui um arremedo de conforto. Esta feia estação, sem ser velha, tem uma apparencia empoeirada e centenaria.

Resôa, repinicado, o estridor de uma campainha...

Lentamente, desdobrado numa longa linha arquejante de carros cheios de anciosa gente ávida de frescos ares sadios, parte para o aristocratico refrigerio da embalsamada princeza serrana, immenso, o comboio vespertino...

Está repleto. Transporta esperanças e sonhos. Ainda leva fadigas e tedios, e já conduz saudades, doces saudades melancolicas, profundas saudades gemedoras...

LEAL DE SOUZA

Gregos e Troyanos

Esta testa arrendondada, cujo olhar carregado espalha pela physionomia austera do bonéco uma sombra temivel de ferocidade, pertence á habil cabeça de um educado capitão de Caçadores alpinos, que, guindado ao poder republicano da gloriosa patria de Hugo, foi feito presidente da França e, como chefe de governo, anima os soldados que pelejam nas linhas de batalha, encarnando a figura mais sympathica da Europa convulsionada na personalidade, aqui representada, de Mr. POINCARÉ.

Minha comáde Theresa,
Ocê e a mana Sophia
Me discurpe a grosseria
Do tempão que não scrivi.
Eu andava amofinado
E tão abatido mesmo,
Que nem tutú com torresmo
Nesse tempo appeteci.

Mas porém d'agora em diente
'Screverá todo o correio
Este seu amigo véio,
Dedicado e sem massada.
O sol aqui tá tão brabo,
Fazendo os dia tão quente,
Que inté parece que a gente
Vae virar carne estufada.

Por causa do calorão,
O governo mandou pôr
Lá na rua do Ouvidor
'Uma casinha de ferro
Que se chama-se impadeira;
O bicho contém no bojo
Uma penca de relôjo
Que marca o tempo sem erro.

Por inzemplos, siá comáde,
Quando um christão qué sabê
O tempo que vae fazê
No fim de cinco ou seis dia,
Só basta olhar os ponteiro
E sabe logo (que horror !)
Si vem chuva ou vem calor,
Ou si a manhã vae ser fria.

Além da tal impodeira
Inda ha aqui coisa mais feia
Que inté mesmo, minha véia,
Nem sei como hei de contá ;
E fico besta, pateta,
Todo damnado da vida,
Por vêr em plena Avenida
Figura tão immoral !

Imagine, siá Theresa,
Que o Prefeito da cidade
Fez uma immoralidade
Como eu jamais nunca vi :
Em cima d'um chafariz
Mandou pôr um bonequinho
Todo chibante, núsinho,
Risonho, a fazer xixi !

Que grande pouca vergonha !
Mesmo no meio da rua
Uma creancinha assim núa,
Sem ao menos um cueirinho !
Por alli passa familia,
Gente véia e de respeito,
E logo tópa dereito
Co'as arte do Manequinho !

Quando penso nesse causo,
Fico muito sastifeito,
Lembrando o grande respeito
Que existe na nossa aldeia ;
Pois si nessa bôa terra
Algum hôme de coroge
Fizesse uma tal bobage
Ia arrastado pra cadeia.

A comáde ha de extranhá
Não recebê minhas carta
Que tarvez lhe faça farta
Pra saber o que aqui ha.
Tem passado tanta coisa,
No governo e na polica
Que seu compadre até fica
Com receio de fallá.

O premeiro e grande escondro
E o que fez maió barúio
Foi o atrevido conluio...
(Que vergonha pra esta terra !)
Um punhado de veiáco,
Gente damnada e ladina,
Quiz comprar as carabina
Do governo — pra Inglaterra.

Mas nosso patricio véio,
O siô doutor Wenceslào,
Mostrou ser um cabra mão
Ladino como o diabo.
Damnou-se com a tratantoda
E, como mineiro esperto,
Mandou logo abrir inquérto,
Pegando os rato pro rabo.

Têm-se dado inda outras coisa-
Tanta intriga, tanta treta,
De pôr um homem pateta,
Nesta cidade do Rio.
Isso irei contando aos pouco
Com mais pausa e mais vagá ;
Vou agóra me refrescá,
Tomando um sorvete frio.

Adeus, mia bôa comáde,
Dê lembranças á Bibi,
Ao Pironga, a siá Fifi,
A siô cabo Cansansão.
No começo da corésma
Océs espere a visita
Do amigo véio e catita
TIBURCIO DA ANNUNCIAÇÃO

Festa no Parque da Praça da Republica

Organizada pela Liga dos Alliados no dia 20.

EFFEITOS DA GUERRA

A CHIMICA ALIMENTARIA NA ALLEMANHA

A imprensa allemã está cheia de annuncios preconizando diversos preparados chimicos, destinados a substituir os alimentos naturaes, excessivamente caros. Muitas casas commerciaes de Berlim offerecem á venda excellente farinha de palha.

Numerosos são os elementos alli destinados a substituir o verdadeiro queijo. O mais conhecido é o «gondar». Diz-se que na sua composição entra leite; mas é tudo quanto se sabe, porquanto, relativamente a todos os outros ingredientes que o formam, os chimicos observam absoluto silencio.

Um chimico de Colonia acaba de substituir o mel natural por um producto muito elogiado e de que a Intendencia de Guerra adquire quantidades consideraveis para os soldados.

Uma casa commercial de Berlim publicou o seguinte: «Temos á venda óvos fabricados em nosso estabelecimento e que contêm todos os elementos nutritivos dos óvos de gallinha, mas em melhores proporções».

Berlim, Magdeburgo e Dresden têm a especialidade dos doces artificiaes.

A cerveja, hoje tão cára e tão pouco abundante, é substituida por uma bebida mysteriosa, em que não entram o alcool e o *malt* (cevada gelada), mas possúe a mesma coloração e quasi o mesmo gosto que a cerveja preta de Munich. O café tornou-se tambem tão cáro que as nozes e as favas torradas o substituem, ha mezes, em muitas casas. Em Berlim e Munich é vendida, a 6 francos a libra, em vez de chá, uma mistura em que entram nozes, hervas e serragem chimicamente preparada.

Desde que foi prohibido vender a nata de leite, os chimicos a substituiram por «um producto composto, são e agradavel ao paladar». E' esse creme que serve aos freguezes do famoso Café Raner, de Berlim.

As roupas de papel estão sendo fabricadas em larga escála.

Eis como a chimica está livrando a Allemanha da nudez e da fome.

A "Gazeta de França", o mais antigo jornal d'aquelle paiz, contando 300 annos de existencia, acaba de suspender a publicação. Os editores prometteram recomeçar a publicação depois da guerra.

Escola Naval de Guerra

O director Almirante Bacellar, o sr. ministro da Marinha e o Addido Naval Americano

Officiaes diplomados

FIGURAS E COUSAS DE OUTRAS TERRAS

GENERAL ALEXEIEFF. — O successor do Grão Duque Nicoláo, como chefe do Estado Maior Russo, deve a seu puro merito a elevada posição que occupa. Alexeieff, que nasceu ha cincoenta e nove annos, começou a vida com grandes difficuldades, porque seu pae era um humilde sargento. Seu talento, entretanto, teve a bôa fortuna de attrahir a attenção de alguns amigos influentes, por cuja intervenção elle foi educado no Exercito, onde foi subindo, passo a passo, até que, nos ultimos mezes do anno passado, elle foi nomeado para substituir o General Ruszky que, por motivo de enfermidade, resignou o commando dos Exercitos do Norte.

Na presente campanha elle occupou o posto de Chefe do Estado Maior no grupo de exercitos commandados pelo General Ivanoff, e afinal tornou-se commandante em chefe de toda a força do Noroéste. Tomou então a suprema direcção de nove dos vinte corpos de Exercito operando nas fronteiras occidentaes da Allemanha e da Austria. Seu decreto, transferindo o Grão Duque Nicoláo para o Caucaso, foi muito bem recebido por todas as classes. A posição de Alexeieff era muito melindrosa, porque elle assumiu as suas funcções num momento sombrio para as armas russas. Mas este consummado soldado é um mestre de estrategia, e collocou-se na mais ingrata das tarefas — a da retirada temporaria — com a mesma habilidade com que elle faria um avanço victorioso.

Antes da queda de Varsovia, um visitante viu Alexeieff, em funcção, numa pequena cidade polaca, um pouco atraz da batalha, e ficou impressionado com a sua tranquilla presença de espirito. Não havia alli nenhum tumulto militar. Duas sentinellas guardavam a porta do quartel-principal, sobre o qual fluctuava uma bandeira russa. Ao lado do Estado Maior estavam cerca de cincoenta soldados. O General dirigia todo o collossal movimento pelo telegrapho, e conhecia cada phase da batalha na distante linha de defesa. Com a mesma tactica com que dirigira a divisão da Gallicia, elle fiscalizava a retirada de Varsovia que elle a chamou «o mais sanguinoso episodio da guerra».

Depois disto, elle retirou os exercitos salvos de Vilna e preparou o caminho para a nova offensiva que desenvolveu com tanto successo. Na mais ardente hora do combate é elle sempre o simples e delicado soldado que antes da guerra estudava estrategia na Academia Militar da Russia. Suas maneiras são quasi acanhadas, mas esta placidez encobre o mais sagaz e intelligente cerebro ao serviço do Czar.

Os officiaes do seu Estado Maior são escolhidos pela seriedade e amor ao trabalho, e mantêm com o seu chefe a maior harmonia.

Taes são, em resumo, os traços principaes do reorganizador da victoria das armas russas.

A retirada de Gallipoli

O INGLEZ (monologando) Isso não é uma derrota. A Inglaterra não é a rainha dos estreitos.

TROCA DE CORTEZIAS

O emprezario X é um excellente homem, muito cortez e incapaz de melindrar um artista. Principalmente sendo senhora. Isso de modo nenhum. Elle é desses que acham que em uma mulher não se deve bater nem com uma flor... de retorica.

Actualmente elle anda explorando uma companhia de operetas. Retirou-se uma artista e appareceu outra, que elle não teve tempo de examinar. Aceitou pelas informações. O contracto ficou depois da estreia.

Na mesma noite a artista estreiou.

!

No dia seguinte o emprezario lhe mandou esta carta.

«Carissima Senhora

Beijo-lhe estremecidamente as mãos.

Tratemos agora de negocio. Seu modo de cantar é tal, que muitos dos espectadores que têm entrada no theatro de graça escreveram hoje á empreza, pedindo que sejam os seus nomes riscados da lista dos gratuitos.

Com todo respeito sou, etc».

A artista lhe respondeu que, tendo adoecido subitamente, lhe pedia desculpa de não poder se contratar na sua empreza.

•

Um noivo se casou com uma rica senhora de cincoenta annos.

No acto de apresental-a ao endiabrado Juquinha, seu filhinho de cinco annos, diz-lhe :

— Menino, eis aqui a nova mamãi que eu prometti trazer-te.

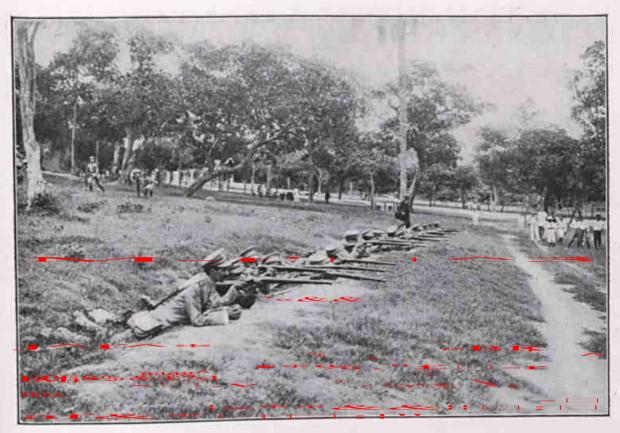
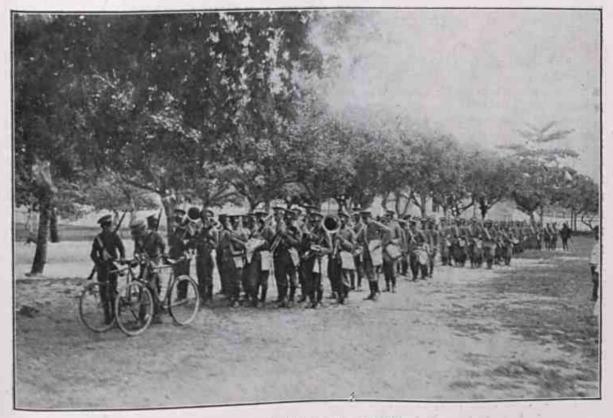
— Papai, exclama o pequeno, enganaram-te !

— Porque, menino ?

— Pois então esta é nova ?

Os pães usados pelos habitantes da Mesopotamia são oblongos ou chatos e têm mais de um metro de tamanho.

Na Penha

Os reservistas, na occasião de receber as cadernetas

Combate simulado

A Linha de Tiro n.º 7, em marcha

MATER

Mãe! Doce affecto á cuja sombra venho
Buscar a luz do bem de que me inundo;
Pobre martyr, exemplo alto e profundo
Que em vão quer definir meu fraco engenho;

De outra não sei que traga n'este mundo,
Pelos calvarios que subido tenho,
Nos frageis hombros, um tão rude lenho
Dentro de noite de negror tão fundo.

Do que esperavas pelo nascimento,
Do lar sonhado — todo calma e brilho —
Que vasio e tristonho isolamento!

Mãe resignada a quem me curvo e humilho,
Como orgulhoso pago em soffrimento
A pura gloria de nascer Teu filho!

ANNIBAL THEOPHILO

TRIANON

Para a brilhante festa lucrativa realisada em beneficio rendoso e em homenagem glorificadora á triumphante artista, nossa illustre compatricia, Abigail Maia, tudo soberbamente concorreu, até a ausencia do sr. João do Rio, que lhe mandou uma linda carta muito bem lida do palco. A falta do divertido humorista Bastos Tigre, elegantemente installado no conforto serrano de Petropolis, foi compensada pelos seus chistosos versos cantados pela bocca gentil da festejada.

Os reputados caricaturistas Raul e Luiz Peixoto, auxiliados por um novel collega cujo nome nos escapa, fizeram bôas caricaturas dos confrades theatraes da Sra. Abigail, a quem foi entregue ao prolongado som de merecidos applausos, uma vistosa corôa de flores.

O sympathico sr. Campos foi facilmente attendido no pedido, que fez ao publico, de applausos mediante os quaes o dr. Christiano de Souza lhe augmentasse o magro ordenado.

O alentado interprete do Orestes, não obstante ter apparecido em scena com um botão das calças e o alvor da camisa á vista, não teve motivos de queixa do publico.

O poeta Carlos Maúl, competentemente pallido, recitou umas quintilhas consagradas a distincta Sra. Abigail.

Esta, com o seu fino chiste, obedecendo a um formal pedido dos jornalistas presentes, cantarolou jocosas cantatas brasileiras.

Carlos Abreu, com o classico modo denominado *muito sentimental*, declamou o *Corvo* traduzido por Machado de Assis do inglez norte-americano de Edgard Põe. Sempre feliz nas tiradas de espirito, o sr. Ferreira de Souza disse muito bem uma poesia sem fel de Arthur Azevedo.

A violinista Marcelle tocou encantadoramente um solo e não só porque é uma artista eximia como tambem porque estava muito bonita, recebeu calorosa acclamação.

A peça escolhida para a festa da rutilante estrella patricia foi bem representada e arrancou á platéa os francos risos que escorrem por esta pagina.

* * *

Ephemerides da semana

MEZ DE JANEIRO

30 — Aviso régio, ordenando que as Camaras da Capitania de Minas proponham o subsidio que podem dar para reedificação, em Lisbôa, dos edificios profanos e sagrados desmoronados pelo terremoto de 1º de novembro de 1755, o qual subsidio deve ser arrecadado «com a maior brandura» (1756).

31 — Por deliberação da Camara Municipal, passa a denominar-se Sete de Setembro a rua do Cano, nesta Capital (1856).

MEZ DE FEVEREIRO

1º — Começam a funccionar em Minas Geraes as casas de fundição de ouro e da moeda para ser nellas quintado o ouro (1725).

2 — Morre Nunes Machado, um dos chefes da Revolução Praieira, de Pernambuco (1843).

3 — O exercito brasileiro derrota, em Monte Caseros, o dictador argentino D. João Manoel Rosas (1852).

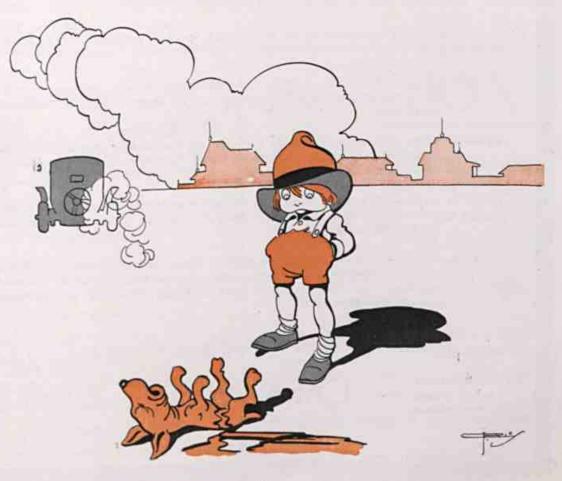
4 — Chega ao Rio de Janeiro, de volta de sua excursão ao Amazonas, o sabio Agassiz (1866).

5 — Decreto régio determinando que os criminosos que merecessem pena de degredo fossem sentenciados para Maranhão e Pará, afim de povoarem aquellas capitanias e alli servirem como soldados (1667).

Descobriu-se ha pouco que da Hollanda estavam fazendo para a Allemanha contrabando de benzina, occulta dentro das lapides destinadas aos tumulos dos soldados allemães.

Foi recentemente trazido á tona por uma ancora do vapor «Esperanta» uma das placas do navio «Maine», que em 1898, em consequencia de uma explosão a bordo foi a pique na bahia de Havana, sendo isto uma das causas da guerra hispano-americana.

As tripas ao sol

— Que diabo!... Esse cachorro só comia tripas?

Remington

GRAND-PRIX

EXPOSIÇÃO

PANAMÁ

PACIFICO

Ha muitas machinas de escrever bôas, porém, nenhuma tão bôa como a Remington.

PORQUE, sendo a «Remington» a creadora da machina de escrever, portanto, iniciadora dessa industria, muniu-se de elementos que lhe deram supremacia incontestavel nesse ramo.

PORQUE, sendo essa machina vendida por uma organização com mais de 40 annos de existencia, o comprador tem uma excellente garantia para o futuro serviço que elle espera da machina que compra.

PORQUE, sendo a sua venda superior á de muitas outras marcas reunidas, a sua fabricação em maior escala reduz o seu custo e a economia dahi advinda é applicada em apperfeiçoamentos.

PORQUE, finalmente se o comprador duma machina tomar em consideração qualidade de material, vantagens de aperfeiçoamentos e garantia dum passado de continuado successo, chegará á conclusão de que a Remington é a machina mais economica que existe no mercado.

Queira pedir informações detalhadas aos agentes geraes:

CASA MATRIZ:
RUA DO OUVIDOR 125
RIO DE JANEIRO

CASA PRATT

SÃO PAULO, SANTOS
BAHIA, PERNAMBUCO,
CURITYBA.

Wencesláo no Rio fingindo de Dantas em Pernambuco

Diante dos primeiros gestos de energia de S. Ex. os chefões da politica ficam com a pulga atraz da orelha.

Mez de Janeiro

29 — Espirito altivo e independente.
30 — Grandes perigos pelas armas.
31 — Infelicidades e dergraças por imprevidencia.

Mez de Fevereiro

Do 1º ao 20, este mez está sob a influencia do Aquario, e, do 21 ao 28 sob a dos Peixes. O Aquario é um signo de espirito superior; mas torna as dignidades moveis, caprichosas, inconstantes, instaveis. Os que nascem sob este signo são muitas vezes causa de aborrecimentos por actos violentos e imprudentes, e tambem por viagens intempestivas.

AS PESSOAS NASCIDAS NESTE MEZ

1 — Asperas, indomaveis, inclinadas á revolta.
2 — Inclinação para a vida militar.
3 — Queixas, disputas e brigas no lar domestico.
4 — Andarão em continuas viagens.
5 — Farão, por conveniencia, um casamento rico.

FOX

E' esta marca a maior garantia de uma bôa qualidade de calçado

Preste attenção

NELLA, toda a vez que precizar comprar, e recommende-a aos seus amigos prestando-lhes um grande favor na sua economia.

Peça ao seu fornecedor ou

42 -- RUA MARECHAL FLORIANO -- 42

A GUERRA

General Sir Douglas Haig, novo commandante em chefe das forças britannicas.

As aventuras do Manéquinho

I

Domingo passado á noite, emquanto o povo chic de Botafogo gastava donaires diabolicos e os ranchos elegantes de Catumby exhibiam o garbo dos arrabaldes, na apotheose sentimental de Momo pela Avenida Central, entre toda a população carnavalesca do resto da cidade enthusiasmada, o Manéquinho do Belmiro, que via a pandega pela primeira vez, olhou a *via-lactea* e, achando-a magnifica, meditou seriamente sobre as praticas philosophicas do sr. Teixeira Mendes e terminou seu scismar com a firme resolução de cahir tambem na orgia.

A sua maxima aspiração éra saltar entre a gente fina que jogava pernas na avenida a espirrar aquella agua perfumada em tubos nada parecidos com o que elle, Manéquinho, dia e noite molha o estomago dos dorminhocos que se encontra habitualmente pelas cercanias do Municipal.

Temendo, porém, tropeçar em seu conspicuo pai o Manéquinho reflectiu sensatamente através da logica que ampara as prophecias do Mucio e, saltando da herma que lhe serve de residencia, foi pandegar nos bairros excusos.

Ao atravessar o largo do Rocio, percebeu que as suas perninhas tremiam e logo comprehendeu a causa disso, ouvindo os sons irresistiveis do maxixe que, partindo do interior do theatro Carlos Gomes, invadiam-lhe os ouvidos, atrahindo-o.

O rapazelho, sem cerimonia nem ingresso, approximou-se e foi entrando com o louvavel intuito de conhecer o Paschoal, já que não poderia tomar parte nos requebros da dança pela sua tenra idade.

Logo a sua entrada, no entanto, provocou um tremendo escandalo, protestos, capoeiras, ponta-pés, tendo algumas *deidades* dado começo ao infallivel programma das dentadas e dos desmaios, porque os bailarinos sentindo as pernas subitamente molhadas, culpavam-se uns aos outros sem descobrir a origem do imprevisto refresco. . .

O Manéquinho achando aquillo muito interessante, continuava a provocar, além da pancadaria entre os bailarinos, uma extraordinaria baixa na temperatura de todo o ambiente, quando um negrão, vestido de Apollo, descobrindo-o, bradou:

— Cessem as pauladas, ó gentes! e recomecem a pandega. . .

E, pegando o Manéquinho pela orelha, ergueu-o bem alto para que toda a assistencia o visse.

— E' um engeitado, o pobresinho — murmurou uma *pierrette* piedosa.

— Protesto, rugiu uma *gigolette* sonhadora — E' o deus amor!

— Qual nada, remendou um guarda nocturno, é um filhote de S. Benedicto...

— E' o deus, o menino Jesus, rosnou uma velha quitandeira, benzendo-se da cabeça aos pés. E arremessou-se como uma vibora para arrebatal-o das garras do Apollo artificial.

Travou-se novamente o conflicto em torno da identidade do Manéquinho.

O bonequinho, solto pelo Apollo na occasião em que se defendia dos murros da quitandeira, safou-se immediatamente e, apenas viu-se em pleno largo do Rocio, pensou na grave offensa que fôra feita a seu pai Belmiro com o tomarem a elle Manéquinho, o authentico Manéquinho da Prefeitura, por um Manéco qualquer, um engeitado emfim.

Estava o Manéquinho pensando em tirar uma dura vingança de seus offensores, quando viu surgir das bandas do Mangue o Tenente Limoeiro á frente da heroica pleiade que só não *pega o boi*, achando-se preoccupada em *matar o bicho*.

— Eureka! — bradou o menino prodigio, despejando um jacto mais forte de liquido *frapée* na cabeça de um vagabundo que dormia sobre o pedestal da estatua de D. Pedro.

Acto continuo foi denunciar ao Tenente que o *bicho* estava solto no Carlos Gomes.

— Mato-o — esbravejou o Tenente e invadiu o recinto augusto das danças do Rocio, com estardalhaçante jubilo do Manéquinho.

Logo na entrada, no bar ao ar livre, o Apollo sugava um fundo copazio de paraty.

— E' aquelle o chefe — apontou o vingativo Manéquinho, esfregando a orelha não ha muito quasi arrancada pelo forçudo negralhão.

Lançando-lhe a mão ao hombro emquanto a sua pleiade o cercava de pistola em punho, o Tenente trovejou:

— Que fazes, bandido?

O preto, que bem conhecia o Tenente e o seu prestigio na zona, replicou serenamente:

— Ponho em pratica as theorias do illustre collega.

— Collega! — ribombou o Tenente — Sabe com quem está falando?

O preto batendo com um nickel de duzentos réis no canto da meza tosca, pediu outro copo de paraty

e, offerecendo-o democraticamente ao Tenente, ajuntou:

— O senhor persegue o bicho e eu...

— Banca-o, não é?

— Sou mais radical: mato-o... E despejou o resto do copo guélla a dentro.

O Manéquinho percebendo o insuccesso de sua vingança, sentia que o solo se transformava rapidamente em brazeiro.

— Péga o *pivette* — ordenou o Tenente.

— Péga !... Péga !

E ao grito de *péga*, echoando na sala do baile, fez-se uma debandada infernal.

O Manéquinho fugiu para a avenida Central, arrastando policiaes, mascarados, curiosos, polacas, uma multidão...

Tudo corria atraz do Manéco, excepto os bondes cujo trafego ficou paralysado para dar passagem ao Corpo de Bombeiros.

Quando a multidão chegou ao monumento de Floriano, já o Manéquinho estava serenamente no alto da columna, que lhe serve de residencia, de perninhas abertas como um santo a fazer milagres e os seus mais ferozes perseguidores, com a garganta secca de tanto gritar, foram refrescal-a no seu fio d'agua — bemdizendo o engenho de Belmiro, em fabrical-o, e o senso da Prefeitura, em perfilhal-o, contra o berreiro maléfico do populacho.

Degas

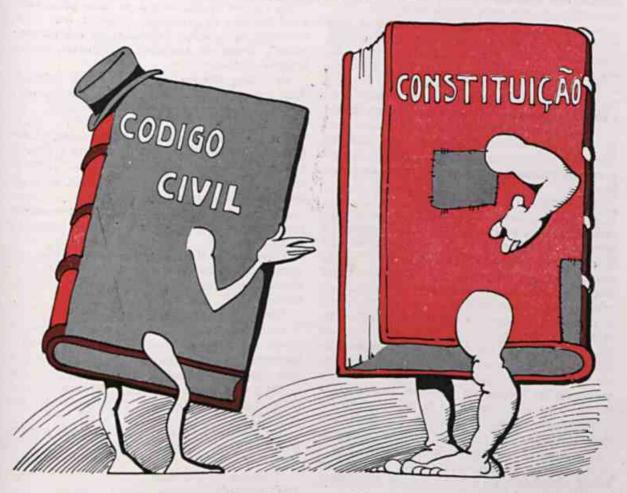
Devedor e credor

— Quando me paga o sr. aquelles dez mil réis que me deve?

— Perdão, não são dez, são vinte mil réis.

— Está equivocado, meu caro senhor. Não são vinte, são dez mil réis que eu quero que o sr. me pague. E' isso que me deve.

— Mas ha que distinguir: eu prefiro dever-lhe vinte mil réis a ter que lhe pagar dez.

Um novo semanario

Codigo — Meus parabens. Agora vaes ser lida ao menos aos sabbados.
Constituição — Não comprehendo.
Codigo — Pois então ?... Não vais ser *revista* ?

Redacção — Rua 15 de Novembro, 27 — 1º andar

A DECAHIDA

Era uma vez uma ideia, original, nova, bonita, patenteando no esplendor da saude e da força, a plastica bem ajustada dos seus fartos quadris e a fecundidade de dois seios tentadores e rijos.

Socialista e phylosopha, com tendencias bem accentuadas para a philantropia altruistica, tudo nella, desde os olhos que pareciam querer envolver a todos numa mesma caricosa ternura, até a alma que se lhe antevia, compassiva soccorredora, revelava um exagerado amor a Humanidade, e, atravéz delle, a obsessão absorvente das fraternisações em massa.

Deram-lhe um nome que não era bem um nome de mulher, pseudonymo talvez, ou mais provavelmente um appellido de ensaio, a guardar as proporções mais exactas de um vocabulo que a experiencia indicasse.

«Mlle Mutua», chamavam-n'a.

Era boa, era meiga, era candida, e era, sobretudo, caritativa, amiga de fazer o bem, sempre prompta a soccorrer os desamparados e os pobres, amando tambem os ricos, sonhando vel-os, a todos os homens ligados por um estreito laço de infinita sympathia, decididos a se auxiliarem uns aos outros, sem prevenções e sem rivalidades.

Enfarada dos nevoeiros de Londres, fatigada pelas controversias que sustentava quasi que diariamente nos «boulevards» de Paris, farta do militarismo feroz que se respirava em Berlim, evadiu-se um bello dia, num navio hollandez, e, depois de uma curta temporada na patria de Zeballos, aqui aportou, curiosa como uma collegial em ferias.

Os homens receberam-n'a com o affectuoso interesse reclamado pela sua graça insinuante e pela sua «pose» dominadora de rainha e de artista.

As mulheres olhavam desconfiadas, tentando penetrar o segredo ainda desconhecido da sua origem, talvez aventureira.

Solicitada, cortejada, envolta num ambiente de adorações e de lisonjas, frequentou todos os logares, foi a toda a parte, com a picante desenvoltura de uma parisiense que de nada se arreceia, aos salões, aos palacios, aos «cabarets», aos «bars»...

Os rapazes arrastavam-n'a ás suas patuscadas, e incutiam-lhe, na athmosphera quente dos cafés-concertos, na penumbra avelludada dos «restaurants» «chics», tendencias acremente voluptuosas, modos levianos de cortezã.

Os velhos «blasés» buscavam-n'a com soffreguidão, segredando-lhe convites torpes, cantando-lhe, com voz rouca, a melopéa barata das saturnaes demoniacas.

Ella foi se habituando a esse meio dubio, para o qual era vertiginosamente impellida pela sua inexperiencia de mulher nova e extrangeira, afeita ao ruido, ás nervosas manifestações de vida, ás artificialidades dos grandes centros.

Perdeu a compustura e o juizo; obliterou-se-lhe o caracter temperado pelos conceitos de humanitarismo e altruismo.

Corrompeu-se. Deixou-se rolar pela ingreme, pela escorregadia ladeira que desemboca no charco, no escuro lameiro, onde a perdição está á espreita, sequiosa e fatal.

Cortezã, desceu a todos os vicios.

Foi trampolineira e foi ladra; fumou opio, saturou-se de morphina, converteu-se numa alcoolica inveterada, dormindo em hoteis infimos, de companhia com creaturas brutaes.

Esfarrapada, num desalinho desconcertante, o rosto vermelho horrivelmente pintado, tornou-se desprezivel.

Os homens hoje evitam-n'a, e quando a encontram, apalpam, com mão tremula, a carteira e o relogio...

Trocaram-lhe o nome.

Chamam-n'a, agora, a madame «Chantage».

Carlos Ribeiro

No Theatro Municipal

Um aspecto do baile do «Club Concordia», realisado em 15 do corrente

fanatismo daquelles inolvidaveis tempos em que não se fallava em crise, em politica, em guerra, em revoluções...

Existe ainda, graças aos céos, muito coração alegre e muita face que se amúa com a tristeza dos outros; mãosinhas brancas que nos tomam pelo braço e nos recriminam, zombeteando, esse ar de poucos-amigos, com o qual nos parecemos demasiadamente a rapazes mal educados; boquinhas escarlates, escandalosamente brejeiras, que nos perturbam com as suas frescas gargalhadas, fazendo-nos corar da nossa insociabilidade irreverente e casmurra.

Assim é no «Conservatorio Dramatico e Musical», onde um destemido grupo de encantadoras «Miles» tomou a peito, desde já, organisar alli um brilhante baile á phantazia no dia 4 de Março, solemnisando com muita musica, muitas flôres e muita alegria, a entrada do carnaval de 1916.

Constituem-se commissões, compõem-se programmas, combinam-se e discutem-se detalhes numa azafama que dá bem a medida, significativa e promissôra, dessa linda festa, cuja graça, espirito e elegancia attrahirão naturalmente ao «Conservatorio», a fina flôr da sociedade paulista.

Fazem parte da commissão promotora dessa «soirée» dansante: — Mlle. Leonor Sadocco, representando a «Careta»; Mlle. Zita Arantes, pela «Revista da Semana»; Mlle. Maria Camarco, pelo «Correio da Semana»; Mlle. Judith Salgado, representando o «Fon Fon»; Mlle. Alzira Barnsley, representando a «Vida Moderna»; Mlle. Moreira Ribeiro, pela «Cigarra».

Vae ser brilhante a festa, cheia de seducções empolgantes e de supremo «chic».

O CARNAVAL

Já anda pelo ar um vago perfume a bisnagas e um rumor tenue de pandeiros e guizos...

O carnaval avisinha-se, timidamente, amedrontado pela feia catadura da crise que lhe promette uma recepção muito pouco amistosa.

O riso, aquelle riso antigo, tão claro e tão franco, que se desmanchava num clamor jovial, communicativo e saudavel, quando ao longe assomava a figura bizarra e endoidecedora de Mômo, extingue-se num fugitivo sorriso em que transparece um sombrio cuidado.

O pobre deus, exilado de toda parte, porque em toda a parte só existe desconsolo e tristeza, anda a vagar sem destino, tragando em silencio o desprezo insultante ou a saudação ironica com que o recebem os seus cortejadores de outróra.

Baldadamente o desgraçado ri, num rictus dolorido que lhe decompõe a face numa caratonha horrivel; só encontra ao seu lado rostos immobilisados, e atravéz uma ou outra mascara risonha cujo brilho falso o attrahe presuroso e offegante, entrevê, ao avisinhar-se, a humida scintillação de uma lagrima.

* * *

Esperemos, porem... Ha por ahi muita gente que conserva pelo bom deus da folia o mesmo religioso

---

O termo «Anzac» tão empregado nas publicações e communicados inglezes da guerra — é formado pelas iniciaes da locução «Australian and New Zealand Army Corps».

No gabinete de um dentista:

— O *pivot* que o senhor me collocou está me incommodando horrivelmente.

— Não admira, minha senhora. Os dententes que colloco são tão perfeitos que até dóem!

INSTANTANEO

A' sahida do Jockey-Club

NOTAS ELEGANTES

A veterana sociedade dansante, com séde no salão Germania, promoveu, no dia 15 do corrente, um sumptuoso baile aos seus socios para commemorar o anniversario da data da sua fundação.

E para que houvesse maior brilho realisou-o na platéa do Theatro Municipal, transformada em luxuoso e florido salão.

Raramente a sociedade elegante de S. Paulo tem opportunidade de assistir á um baile verdadeiramente pomposo, mesmo porque com as «soirées» d'arte que ultimamente têm sido organisada pelas associações de cultura artistica, os bailes vivem esquecidos, postos á margem como cousa antiguada e contraria aos ultimos modelos de exhibicionismo.

A «elite» quer ostentar a magnificencia das «toillets» e o brilho da phrase polida que fere pela ironia elevada, pelo «esprit», mas que encanta pela forma, tirada pelo diapasão sonoro das phrases ultra «chics».

A elegancia londrina criou o «snobismo»; a nossa fez mais que isso: exagerou-o.

E para a satisfação de exhibir o exagero, tanto se lhe dá que ao baile compareça ou assista, sorrindo beatificamente, o rithmo dos versos arredondados, que a dicção lança a immortalidade, gemebundos, ou a phrase terça, o galanteio bem penteado que se diz, em surdina, nos revoluteios das walsas.

O baile é até menos propicio á exhibição. Devido á approximação dos sexos, mormente com os agarramentos do «one step», e o «tango», os artificios vêm mais a mostra, e sente-se mais a realidade da carne perfumada e polida, notadamente após a decima contradança.

O baile desmancha a elegancia; muito melhor o aprumo das «soirées» d'arte, em que a immobilidade compõe a esthetica, conserva a linha conseguida ao espelho, no «boudoir».

Entretanto, algumas vezes, para não perder o habito, elle tem a sua graça, seu «chic», principalmente quando vem revestido da sumptuosidade e do deslumbramento que se notou no Theatro Municipal.

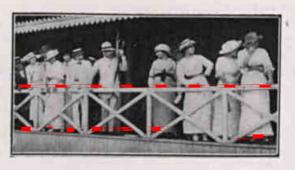
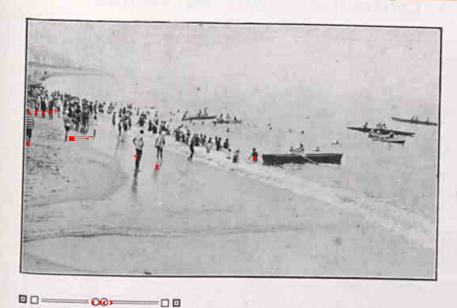
Alli, dada a iniciativa e o bom gosto dos directores do Club Germania, e a previdencia dos homens de juizo, essa festa dansante foi pretexto para que tudo o que ha de mais distincto em S. Paulo, apparecesse irradiando a suprema magnificencia do mundanismo.

* * *

Na Exposição Artistica Beneficente, á rua Quintino Bocayuva, tem havido, todas as sextas feiras, «matinées» dansantes.

Na ultima, antes das dansas, houve concerto e recitativo, tomando parte saliente no programma, a cantora Sra. d. A. Gallian, a admiravel pianista Sra. Chura Botelho e o distincto violoncellista, Sr. Simoncelli.

As festas, nessa Exposição Artistica, revestem-se sempre do maximo enthusiasmo e a assistencia applaude com satisfação os interpretes dos escolhidos programmas.

INSTANTANEO

No Jockey-Club

foi pessimamente recebida pelo publico, na sua primeira representação. Voltaire, que entre bastidores assistia ao desastre, disse para um dos actores :

— Emprestei minha cara a Sophocles para levar as bofetadas.

Em 1910 houve em Varsovia nada menos de 179 attentados de anarchismo, 202 ataques á propriedade e 660 assassinatos.

Em Jerusalém está organizado um numeroso bando de mendigos que transformaram numa verdadeira sciencia remuneradora a velha arte de pedir esmola. Eleva-se á espantosa somma de 50 milhões o numero de pedidos, implorando auxilios pecuniarios, que elles expedem habilmente e com bastante proveito proprio para todas as partes do mundo.

Salada de fructas

Quem primeiro usou a bussola foi Flavio Gioia, em 1303.

Com uma população de 350 mil habitantes apenas, Stockolmo, capital da Suecia, tem 80 mil telephones.

Na Filandia os advogados são obrigados por lei a servirem durante alguns annos de agentes policiaes.

A tragedia *Electra*, que Voltaire imitou de Sophocles,

Entre a Inglaterra e a Hollanda ha um cabo telephonico submarino de 105 milhas de comprimento, que custou 10 mil contos.

Nos sepulchros egypcios encontram-se umas harpas, cujas cordas se conservam intactas e soam harmoniosamente, após um silencio de tres mil annos.

A hora do Banho no Flamengo

Os nossos estabelecimentos de ensino

Fachada do edificio principal do Aldridge College, sito á chacara do Paraiso. Sete Pontes. S. Gonçalo — Nictheroy.

ALDRIDGE COLLEGE

Chacara do Paraiso — SETE PONTES

S. Gonçalo — Nictheroy

Estabelecimento Inglez de ensino. Curso Primario, Secundario e Preparatorio para os exames de admissão ás Escolas Superiores, **contando 85 % de approvações nos exames realisados no anno proximo passado no Collegio Pedro II.**

Este estabelecimento acha-se installado em grande chacara, contendo campos para recreios, magnifico tanque para exercicios de natação, e bem montada sala de gymnastica para cultura physica.

Outrosim, o Collegio tem adoptado o serviço militar, cujos exercicios se acham á cargo d'um official, nomeado pelo Estado Maior do Exercito.

Tendo o Collegio numero limitado de logares, pede aos Srs. interessados que, com antecedencia mandem reservar os logares que possam pretender, antes de encerrada a matricula.

Prospectos e informações na Casa Crashley, á Rua do Ouvidor, nº 58, Rio, ou na Secretaria do Collegio — Caixa Postal, 1458, — Rio, Tel. 735, Nictheroy.

Campeonato de Water Polo na Praia de Botafogo

Team do Vasco da Gama — Vencido

A força dos incectos

Em proporção ao seu tamanho, o homem é um dos mais fracos animaes da terra. Os musculos de uma grande ostra pódem supportar o peso de 37 libras. O caranguejo aguenta o proprio peso multiplicado por 492. E' como si um homem aguentasse um peso de 73.800 libras!

Felix Flateau, scientista belga que fez diversas experiencias neste sentido, verificou que a força de uma mosca que póde arrastar um páo de phosphoro é comparavel a de um homem que aguentasse uma trave de 14 pés de comprimento e 2 pés e seis pollegadas de quadrado.

Para medir a força dos insectos, Flacteau construiu delicados arnezes, atados a uma balancinha. Picando os insectos, elle fazia-os mover; e ia annulando pesos até que elles estacassem. Por este meio Flateau descobriu que uma abelha é relativamente 30 vezes mais forte que o cavallo.

O CRAVO VERMELHO

(Hubert Krains)

HUBERT KRAINS, nasceu em Waleffes, provincia de Liège, Belgica, e aos dezesete annos entrou como funccionario para a administração dos correios. E' ha 21 annos secretario do «Bureau International» da União Postal Universal em Berne. E' um dos melhores romancistas da Belgica; como Mauricio des Ombiaux, é o paizagista das planicies e dos costumes flamengos. *Bons parents*, *Histoires lunatiques*, *Amours rustiques*, *Pain noir*, *Figures du pays* são as suas obras principaes. Seu francez pela pureza e pelo estylo faz lembrar por vezes Maupassant. *Pain noir* é a sua obra prima; foi recebida com applausos e geral admiração e está traduzida já em varias linguas.

. * .

O trem das sete horas da noite acabava de passar. O chefe da estação e seu ajudante, trabalhavam em suas escrivaninhas collocadas nos dois extremos oppostos do aposento. Um e outro quasi não mais enxergavam; o ceu escurecera em seguida a uma tempestade que havia estalado no decorrer da tarde.

Ao fim de alguns instantes o chefe enfiou uns papeis em um enveloppe, traçou o endereço e jogou-o sobre a escrivaninha do seu subalterno.

— O senhor despachará isto pelo proximo trem.

Essas palavras pronunciadas em tom brusco, provocaram um ligeiro estremecimento no subalterno.

Sem responder, nem levantar a cabeça, alongou a mão esquerda para puxar o enveloppe para perto de si. Emquanto isto o chefe tirara um espelhinho do bolso; em pé deante da janella, alisou os cabellos com a palma da mão. Levantou em seguida as pontas dos bigodes e contemplou com bonhomia o rosto rosado e quadrado que um pescoço robusto prendia aos largos hombros.

Do lado do escriptorio algumas flores mergulhavam as pontas das hastes em um copo d'agua.

O chefe tirou uma rosa branca; em seguida arrependendo-se, pol-a no ramo para tomar um cravo vermelho. Fechou então a escrivaninha, collocou então o bonnet de galões dourados e sahiu do escriptorio.

O empregado, desta vez, levantou a cabeça. Ao ver o cravo que seu chefe tinha na mão contrahiram-se-lhe os labios. Pousou a caneta e voltou os olhos para a janella que se achava á direita. O chefe appareceu na extremidade da estação atravessou rapidamente a rua, e entrou em uma casinha, onde a luz já accesa, fazia realçar em negro, essa palavra pintada em meio circulo sobre as vidraças:

— CAFÉ —

O empregado cruzou os braços, o sangue subiu-lhe ás faces. Reflectiu mordendo o bigode; em seguida com a mão, fez um gesto de afastar alguma cousa triste, e voltou a olhar para a secretaria. Como o crepusculo descesse, accendeu a lampada. Um raio de luz resvalando sob o *abat-jour* de metal, cahiu sobre os seus cabellos negros semeados de fios de prata, sobre suas costas arqueadas, sobre suas mãos grossas e pallidas.

Tinha agora o ar de trabalhar com calma.

Todavia emquanto a penna corria tranquillamente ao longo de uma columna de algarismos, com o dedo limpava de vez em quando uma gotta de suor que deslisava-lhe pelo rosto.

De repente bateu com o pé no chão. Acabava de commetter um erro.

Virou a cabeça e abriu a bocca para aspirar um hausto de ar. Experimentou em seguida endireitar o erro.

Crendo sem duvida afastar toda nova distracção contou a meia-voz:

5 e 6; 11... e 9; 20..., 20 e 8... 20 e 8...

Desta vez, jogou a penna e levantou-se gritando:
— O diabo metteu-se nisto hoje!

Poz-se deante da janella que dava para a rua. Alem da via ferrea, onde os trilhos humidos brilhavam, descortinava-se uma vasta planicie escura, onde o olhar distinguia alguns montes de trigo. O ceu estava sombrio, o vento soprava. Esta vista acalmou-o. Tornou á outra janella.

O cafesinho solitario destacava-se com as arvores do seu jardim, sobre um fundo de trevas. Uma fraca claridade atravessara as cortinas, alongando sobre a rua, um clarão de cirio. Não se via ninguem pelos arredores. Sómente o vento sacudia o cimo das arvores e gemia nos fios telegraphicos.

Ouvia-se tambem o pequeno ruido cantante que a agua faz depois da chuva, infiltrando-se na terra. O empregado tinha os olhos fixos na casa fechada.

Por momentos, distinguiu o murmurio de uma conversa, mas era-lhe impossivel ouvir qualquer palavra. Tudo o que elle podia comprehender era que a conversa era alegre, que varios homens nella tomavam parte, e que uma voz de mulher nella se confundia; «Os negociantes que desceram do trem ainda agora, estão lá tambem», pensou.

E emquanto sua nuca estremecia esticou-se na ponta dos pés e encostou-se á janella.

Uma gargalhada escapando-se no mesmo instante do meio da palestra, feriu-lhe o coração, como uma pedrada. Tornou a sentar-se, esfregou os olhos e assoou-se. Quiz em seguida pegar de novo na caneta, mas largou-a no mesmo instante; apertou a cabeça entre os punhos e murmurou: — Deus! que vida!

Pela millessima vez, perguntou a si mesmo, que mão maldita o havia a elle, filho de uma cidade, immellido, depois fixado áquelle abominavel logarejo. Reviu o dia em que tinha entrado na qualidade de addido á gare de Verviers.

Depois de ter passado de sala em sala, acabara por ser atirado em um pequeno escriptorio lugubre como uma crypta onde se achava um homem de cabeça grisalha, de aspecto rebarbativo que exhibia um nariz vermelho no meio duma cara chlorotica e flacida.

Este homem tinha em uma das mãos um pincel e na outra uma taboleta.

Olhou por cima dos oculos:

— Chamas-te ?

— Arsenio Jaquet.

— Ah!... E queres entrar na nossa Sociedade?...

— Sim...

O ancião alçou os hombros, em seguida interpellou o moço sobre a idade, sobre os estudos que havia

feito. Em seguida depoz o que tinha nas mãos, aspirou uma pitada e depois de se ter recolhido, experimentou explicar a Jaquet sua futura occupação. Do seu discurso atrapalhado e cortado de interrogações, comprehendeu que tinha n'algum logar uma vasilha de gomma, etiquetas, mercadorias a examinar, livros que se distinguiam pelos numeros e nos quaes era preciso «quando fosse necessario» ou «todas as noites» inscrever alguma cousa. Jaquet poz mãos á obra. De tempos em tempos o velho vinha inclinar a cabeça branca sobre seu hombro. Logo que ficava satisfeito da maneira pela qual o aprendiz trabalhava, retirava-se sem dizer uma palavra; em caso contrario fazia estalar a lingua e murmurava: «Não é assim, meu rapaz». Tomava a caneta que tinha o habito de collocar atraz da orelha, sentava-se no logar de Jaquet, e continuava o trabalho. Quando se levantava, recuava alguns passos, admirava seu trabalho, e dizia: «E' assim!»

Em seguida tirava do bolso a caixa de rapé e aspirava uma pitada; depois, caminhando para a janella, olhava para os trens que manobravam ao longo da *gare*.

Seis mezes se passaram. Uma manhã, Jaquet chegando á gare, estendeu um papel ao companheiro. Este reconheceu uma ordem de transferencia. Limpou os oculos, collocou-os no nariz, e leu em voz alta o nome do logar para onde haviam mandado o moço: Haroul. Repetiu «Haroul», poz a mão na testa e caminhou para um velho mappa que pendia da parede. Seu index percorreu o papel empoeirado e aspero que estalava sob a pressão do seu dedo como uma folha secca, e acabou por deter-se em um canto da Hesbaye que confina com a terra flamenga:

— Hen! Hen!...

O ancião que se tinha voltado, ergueu os oculos; e contemplando Jaquet repetiu:

— Hen! Hen!...

— O que é? perguntou o jovem.

— Não te divertirás lá para onde vaes.

— Porque?

— Verás...

A' noite como tomassem um copinho «de despedida» no café do Cysne o ancião depois de ter admirado o balcão magestoso, as paredes pintadas, os espelhos e os dourados que os bicos de gaz faziam resplandecer, disse ao camarada:

— Em Haroul não verás café como este.

E depois de um momento:

— Não te divertirás lá para onde vaes.

— Porque? perguntou de novo Jaquet.

O velho sacudiu a cabeça.

— Nenhuma sociedade... Pessima cerveja...

— Bôa idéa, disse depois de um momento de silencio, que tiveste em vires enterrar-te numa administracção.

Bebeu um gole.

— Sabes... si eu fosse livre...

— Que faria? perguntou Jaquet...

— O que eu quizesse, meu amigo... Com instrucção... Mas para fazel-o, continuou soltando um suspiro, não deveria ter encontrado a filha... a filha do Antonio...

Não se explicou claramente, mas Jaquet comprehendeu que «a filha do Antonio» era uma pessoa que havia desempenhado um papel importante e pouco agradavel na vida delle.

Tocaram com os copos, um no outro uma ultima vez, despejaram-n'os e sahiram. O céu estava nublado, a rua solitaria e triste.

Os vidros do lampeão estalaram ao vento. No patamar da escada os dois homens apertaram-se as mãos.

Tinham vivido no mesmo logar, uma pagina de suas vidas; agora esta pagina ia ser voltada.

Sem que suspeitassem, o habito já havia creado entre elles, um laço cuja ruptura os fazia soffrer.

— Adeus! disse bruscamente o ancião deixando a mão do moço para evitar toda a effusão sentimental.

— Até á vista, disse Jaquet.

Voltaram as costas um ao outro.

O moço tinha desapparecido na esquina da rua, quando seu velho companheiro lhe gritou:

— Felicidades, lá para onde vaes...

Jaquet deixou Verviers por um chuvoso dia de Novembro. Logo que passou Liège, examinou a paizagem flamenga que pouco conhecia.

Causou-lhe desagradavel impressão. Para qualquer lado que se voltasse, não via mais do que um terreno chato, amarellento, uma especie de lama pegajosa que parecia amassada por milhares de pés. Não mais os louros trigaes, mas innumeraveis porções de folhas de beterrabas, em via de apodrecimento; arvores de galhos meio despidos, troncos ennegrecidos pela agua que corria do alto para a raiz; aldeiolas agarradinhas ao campanario das igrejas; fabricas de assucar isoladas, cujas chaminés fumegavam. Algumas carroças saccolejantes pelos caminhos, pareciam a retaguarda d'uma caravana que devia ter acampado alli e sem duvida encaminhava-se agora para ceus mais clementes.

Como em toda a parte por onde o homem passou, os corvos voavam por cima das planicies, poisando por alguns momentos no chão, em seguida elevavam-se pesadamente para continuarem a cavar n'outra parte.

O horizonte era obscurecido por um nevoeiro cinzento sobre o qual via-se um céo baixo e tambem cinzento.

O moço sonhava, oppresso pela melancolia da paizagem. Sonhava com sua infancia, com sua familia, com o passado. Revia Laura, sua visinha que o havia visitado na hora da partida. Com que commoção lhe havia apertado a mão, murmurando: «Pensarás em mim um bocadinho?»

— Pensava nella, mas pensava mais em Joanna... A' esta não vira mais... Ella fugia-lhe... Suspirou.

— Não a verei mais, talvez...

A estação de Haroul está situada á cinco minutos da povoação. Suas paredes nuas, o telhado vermelho, as altas janellas protegidas por grade de ferro, o jardim minusculo onde não havia uma flor siquer, augmentaram o sentimento de tristeza que a solidão da terra havia causado em Jaquet.

O chefe era nesta epocha, um bom homem. Acolheu-o com cordialidade e deu-lhe alguns conselhos uteis. Aconselhou-o principalmente a hospedar-se em um albergue situado no centro da aldeia. Infelizmente todos os quartos estavam occupados pelos empregadas do fisco, que se demoravam em Haroul durante a fabricação do assucar, e Jaquet foi obrigado a acceitar hospitalidade da viuva Bouvin que dirigia com sua filha o cafésinho situado defronte da estação...

No domingo seguinte fez um passeio pela aldeia. Achou-a aborrecida como lh'o haviam predito. Não voltou mais.

Depois de cear, ficava só na saleta onde jantava. Uma noite Mme. Bouvin trouxe-lhe um jornal. Percorreu-o com ar distrahido; em seguida lembrando-se de que não havia desarrumado as malas, subiu ao quarto e abriu-a.

No fundo achavam-se algumas obras classicas, dois livros de premio, um pacote de musicas e uma flauta.

Tomou esta, approximou-se da janella e modulou alguns sons. Perderam-se no vento de outonno que soprava com força.

Em seguida folheou as musicas. Quasi todas falavam de amor. Isto fel-o pensar em Joanna. Reviu-lhe o talhe flexivel, o rosto altivo, a bocca sorridente, o carinhoso olhar dos seus olhos negros. Atravez do vento que uivava pensou sentir chegar-lhe aos labios o seu halito adoravel. Sob a influencia dessa exaltação escreveu-lhe uma carta apaixonada que só terminou á meia-noite.

Esperou a resposta nos dias seguintes. Uma semana passou-se, depois uma segunda; nada chegou.

— O senhor não tem o ar de divertir-se em Haroul, disse-lhe uma noite Germana, a filha de Mme. Bouvin.

— E' verdade, respondeu, aqui eu não me divirto.

Mme. Bouvin encolheu os hombros.

— A gente se diverte em toda parte.

Uma nova semana passou-se. Não veio carta nenhuma. O moço deixou de esperar. O som de sua flauta, quando por acaso queria distrahir-se, enchia-lhe os olhos de lagrimas. Pelo crepusculos não sabendo o que fazer, muitas vezes, encostava o rosto á janella e contemplava as arvores nuas que se balançavam por cima das flôres mortas do jardim, as nuvens cinzentas que caminhavam pelo céu triste, o campo solitario, sobre o qual, cahiam as rajadas de chuva.

Uma tarde o tedio mordeu-lhe tão cruelmente o coração, que sentiu-se incapaz de supportar a sua solidão; desceu para o café.

Encontrou o agrimensor de Haroul, o guarda-livros da fabrica de assucar e o guarda campestre que esperavam um quarto parceiro para jogar. O guarda um homem todo redondo, cuja cara rosea cheia de pellos escuros, brilhava ao clarão da lampada, sacudiu os braços.

— Enfim, eil-o ... hé !... Eu bem o disse mais de cem vezes a Mme. Bouvin-... Não é verdade, madame Bouvin, que eu lh'o disse mais de cem vezes ? Não veremos nunca mais Mr. Jaquet?... Tem elle porventura, medo de nós?... Não veio sem duvida para não travar conhecimento comnosco... Entretanto não somos nenhuns lobos !

Quando a partida terminou, Mme. Bouvin chamou o seu locatario na cosinha.

Tres copinhos achavam-se na meza ao lado de uma garrafa. Explicou que todas as noites antes de deita-se tomava uma «gotta» do velho Hasset. Era um systema que trouxera da casa do pae: «Concertava o estomago e fazia-a dormir.

— A' sua saude !

E a mão esquerda sob o queixo para proteger das nodoas o peito gordo, virou o copo d'um trago.

Um mez mais tarde Jaquet havia se adaptado ao novo meio. A' noite quando não vinha ninguem ao café, ficava com as duas mulheres na cosinha. Havia ahi um bom fogo, um jarro de cerveja, com algumas nozes ou castanhas sobre a mesa. Algumas vezes, Germana cantava uma canção que Jaquet acompanhava na flauta. Para poupar trabalho ás suas hospedeiras, comia com ellas. Quando a moça precisava enovelar a lã, offerecia-se para segurar a meada. Pela primavera alguns transeuntes viram-n'o no pateo em mangas de camisa, de machado na mão cortando a lenha. Quasi não falava de Verviers, e quando o fazia era sem pezar. Mesmo Joanna não era mais do que uma sombra extravagante no fundo de suas recordações. Quanto a Laura, esquecera-a pouco depois da chegada. No verão, depois da ceia, passeava algumas vezes á volta da *gare* com Germana e sua mãe. Foi no decurso de um desses passeios que elle deu pela primeira vez o braço á jovem. Seduzidos pela belleza da noite, haviam ido mais longe que de costume. O caminho estava illuminado pela doce luz das estrellas que brilhavam aos milhares no ceu sereno. Uma brisa tepida espalhava no ar o perfume do trigo maduro. De temaos a tempos ouvia-se o grito ardente das codornizes. Logo que chegaram ao meio do campo Mme. Bouvin parou para colher papoulas, e os jovens sentaram-se na relva á beira do caminho.

— Que bella noite ! disse Jaquet.

— Sim, está uma linda noite, suspirou Germana.

Contemplaram as estrellas, escutaram o canto das codornizes, em seguida seus olhos seguiram Mme. Bouvin que caminhando completamente curvada ao longo dos trigos para achar as flores, lembrava na sombra, um grande cão. Jaquet animado pela solidão e obscuridade, deslizou a mão pela cintura da moça e attrahiu-a a si. Depois de um momento de silencio, a alma emocionada, e o coração palpitante, segredou :

— Amo-a, Germana...

Como procurasse uma resposta nos olhos della, sentiu dois labios ardentes pousarem em sua bocca...

Foi assim que tornara-se o marido daquella mulher, cujo riso alegre vibrava neste momento no café defronte da *gare*.

Recordando-se essa historia, tirou da sua escrivaninha uma garrafinha chata e collocou o gargalho na bocca...

A aguardente corria pela sua garganta como um balsamo, quando passos soaram sobre as cinzas do caminho.

Escondeu rapidamente a garrafa e tornou a mergulhar-se na escripturação. Dois homens entraram no escriptorio. O primeiro alto e forte era barbado e tinha o olhar duro; as meias desappareciam nas botas curtas. O outro curvava-se como uma raiz de arvore.

O rosto imberbe e jovem, inclinava-se sobre o hombro direito, o que o obrigava a olhar de esguelha; o tubo de um cachimbo tremia-lhe no canto da bocca. Ambos traziam blusas azues com botões de cobre. Eram operarios da estrada.

Collocaram-se no meio da sala, deante da estufa que assentava os pés de gripho n'uma larga pedra negra.

Em seguida cruzaram os braços e seus olhares fixaram-se nas costas arqueadas do empregado.

— Hum ! murmurou o mais alto.

Depois de alguns momentos de silencio o menor gritou por sua vez, com uma voz que se assemelhava ao echo da primeira.

— Hum !

— Onde está o chefe ? perguntou o primeiro.

— Bé! replicou o companheiro, onde queres que estejas?... Pergunta-o a Mr. Jaquet...

Os dois homens riram alto.

— O nosso chefe diverte-se, insinuou o maia alto.

O empregado não murmurou nada.

Mas a mão que segurava a penna, tremia; o sangue batia-lhe nas temporas, e pequenas gottas de suor rolavam-lhe pelas faces.

Vendo que Jaquet nada respondia, deixaram o escriptorio. Chegando á estrada detiveram-se para trocarem um olhar, e depois continuaram o caminho chacoteando.

Jaquet tornou a abrir a escrivaninha e de novo bebeu um trago na garrafinha. Em seguida voltou á janella. A noite cahira completamente. Uma calma immensa envolvia a *gare*. A atmosphera esquentara. Um odor são de relva humida espalhava-se pelo espaço. O grito dos grillos misturava-se com o coaxar das rãs. Uma ventania forte, fez-se sentir ao longe, roçou o tecto da estação, agitou as arvores e desappareceu com um murmurio plangente.

A calma voltou de novo, apenas interrompida pelo grito dos grillos e das rãs.

Não se ouvia mais nada no café. Os commerciantes haviam partido. Um mysterio parecia pesar sobre a casa negra no meio da qual brilhava como um clarão funebre a janella de cortinas.

Com os punhos crispados, os dentes cerrados, Jaquet olhava para a frente com os olhos incendidos.

Este silencio impenetravel era apenas perturbado por algumas risadas alegres, de momento em momento.

Soltou um suspiro e batendo com a sola do sapato no chão, gritou com todas as forças:

— Covarde!!!

Esta palavra echoou tão fortemente no silencio, que elle ficou espantado.

Voltou-se. Ninguem devia ter ouvido.

Para não cahir na tentação de recomeçar foi sentar-se no canto mais escuro da sala. Com o rosto mettido nas mãos, lembrava-se que um dia, sob o poder de uma exaltação semelhante, subira a agoa-furtado e havia enterrado um prego comprido em uma viga...

«Eu é que sou um covarde», disse.

E levantando-se para ir ao «guichet» onde acabavam de bater.

O ultimo trem estava a chegar.

Na sala de espera um viajante passeava. Seu passo lento arrastava-se vagarosamente de uma extremidade á outra da sala, detendo-se um intante e em seguida recomeçava.

De repente outros passos — rapidos e ligeiros, estes — resoaram ao longo da parede. Jaquet, que havia voltado ao trabalho, reconheceu o andar do chefe da estação. Seus hombros estremeceram. Um rubor subiu como um veu ensanguentado sobre sua physionomia. O outro passou com indifferença, pegou num lapis de cima da secretaria e tornou a sahir. Começou a ouvir-se o barulho do trem. Os viajantes deixaram a sala de espera e alinharam-se na estação onde brilhavam duas grandes lampadas em caixas de vidro.

O empregado de olhos piscos estava de pé á beira da linha perto de um monte de caixas. Com as mãos nos bolsos das calças azues, o tronco inclinado, parecia fumar philosophicamente o cigarro. Na realidade observava o chefe que passeava de um lado para outro. A calma daquelle homem admirava-o: «Noutra parte, «elle» divertia-se talvez; mas na estação, era um verdadeiro chefe, um agente serio, consciente do seu trabalho» — Que sangue frio, que dominio sobre si! pensava. E dizia a si mesmo, que elle era um forte, um rapaz bem collocado na vida, e capaz, si houvesse necessidade, de defender seu prato como dogue.»

Depois da passagem do trem o chefe e Jaquet tornaram a ficar sós no escriptorio. Cada qual occupado na sua escrivaninha e não viram dois rostos — um barbudo e outro escanhoado, — apparecerem por traz da janella.

Eram os operarios que antes de partirem, espiavam pela ultima vez os dois homens.

Ao fim de um quarto de hora, o chefe voltou-se para o empregado.

— Ainda não acabou?

— Em cinco minutos.

O chefe accendeu o resto do cigarro e desdobrou o jornal. Uma mariposa entrou no escriptorio e poz-se a voejar em torno das lampadas.

A igreja da aldeia bateu horas.

Por fim o empregado apresentou os livros ao chefe. Este que começava a dormitar sobre o jornal, examinou-os indolente, o cigarro em uma das mãos e a penna na outra. Rubricou onde precisava, alçou os hombros á vista de alguns borrões, em seguida enrolou os registros.

Jaquet encarregou-se de fechar os armarios e a secretaria.

Não conservava nenhum indicio de colera no rosto, mas os olhos estavam cançados e tristes. Quando ia apagar a lampada viu a mariposa que se havia queimado. Cahida de costas, as patinhas para o ar, forcejava desesperadamente por levantar-se, espalhando em torno o leve pó das azas cinzentas. O seu primeiro movimento foi de esmagal-a, mas esse pequeno ser que lutava ardentemente contra a morte fez-lhe piedade. Collocou-a sobre as patas, e enquanto o insecto levantava-se coxeando, por detraz do tinteiro, extinguiu a luz e deixou o escriptorio, murmurando com uma voz humilde que parecia pedir perdão da sua audacia de ha bocadinho.

— Bôa-noite, senhor chefe.

O outro respondeu seccamente:

— Bôa-noite.

Um ar puro circulava na noite.

Os grillos não cantavam senão por intervallos e com menos força; em compensação as rãs coaxavam sem cessar. As janellas do café estavam fechadas; a casinha tinha o ar de dormir, assim como a aldeia cuja silhueta alongada distinguia-se ao longe. As nuvens no ceu, assemelhavam-se a um grande veu negro, todo rasgado. Pelos intervallos percebiam-se algumas estrellas. Estavam muito claras, muito brilhantes.

Jaquet respirava com prazer o delicioso ar da noite. Só, no meio do caminho, sentia-se livre. Nenhum olhar maldoso pezava sobre elle. Não havia alli, ninguem que o atormentasse para procurar ler em seu coração, experimentando surprehender os pensamentos secretos que passavam pelo seu cerebro. A tristeza desappareceu, como desapparecera a colera, e no fundo de sua alma não ficou mais do que a vaga melancolia de uma alma dilacerada.

As caricias da brisa fizeram-lhe bem.

A voz dos grilhos e rãs, resoava em seus ouvidos como sons amigos.

No momento de introduzir a chave na fechadura da porta, voltou-se pela ultima vez e envolveu o espaço em um olhar. As nuvens esgarçando-se cada vez mais deixavam ver agora numerosas estrellas.

Contemplou-as com admiração.

Seus olhos enthusiasmado pareciam dizer: «Estrellas, bellas estrellas, vós que rolais livremente no espaço infinito, eu tambem vos comprehendo... sim, comprehendo-vos... sou um homem... um homem que sente; um homem que soffre... Estrellas, bellas estrellas...

Seus olhos ennevoaram-se, a garganta apertou-se-lhe; não viu mais nada. Baixou a cabeça e abriu a porta. Depois de ter attravessado o café, onde a luz estava apagada, penetrou na cosinha.

A mulher esperava-o perto da meza. O cravo vermelho punha uma nota rubra na bluza della. A' vista daquella flor, Jaquet empallideceu, mas sentou-se altivamente deante da ceia, sem dizer uma palavra. Emquanto comia, examinava Germana, a furto. Trazia um corpete côr de malva, que modelava fielmente as formas do peito. A orelha rosea estava meio occulta pelo bandó de cabellos negros onde resplandecia um pente de tartaruga enfeitado de dourado.

Os longos cios projectavam uma sombra sobre os olhos. Estava agora uma mulher nutrida, cuja carnação tinha o aveiludado e a côr do pecego.

Naquelle momento o rosto purpureado tinha uma expressão de beatitude.

Um sorriso de sphynge bailava nos seus labios. Jaquet esforçava-se por comer tranquillamente, mas seus olhos pousavam sem interrupção na flor rubra. Um calor suffocante pairava no seu coração. Bebeu varios copos de cerveja para extinguir o fogo interior que o devorava.

Em seguida olhou em torno.

As persianas estavam fechadas; as portas cerradas. Uma calma mortal reinava no aposento. De encontro ao tecto, na sombra, um grande retrato a «crayon», representava Mme. Bouvin com o vestido dos Domingos, as mãos rochonchudas, magestosamente cruzadas sobre o ventre arredondado. Havia dez annos que o modelo repousava no cemiterio; muitas cousas haviam se transformado naquella casa... Jaquet pegou no lenço, mergulhou nelle o rosto e fechou os olhos. Quando os reabriu, tudo poz-se a gyrar deante das suas pupillas. O cravo palpitava, agitava-se como uma cousa viva.

Via-o desabrochar como um grande ramo, em seguida fechar-se, e depois abrir-se de novo como uma grande roda de fogo. Suas petalas desmedidas, roçavam nelle, forçavam-n'o a mergulhar-se no seu perfume excitante. Uniu os labios, franziu os supercilios, emquanto que a mão pousava sobre a sua faca, cuja lamina pontuda brilhava como um raio de luar perto da lampada. A flôr continuava a abrir-se e fechar-se.

Cada vez que se abria, elle distinguia no centro um botão delicado, alguma cousa de sangrento e palpitante como um coração. Uma voz lhe murmurava ao ouvido: «E ahi... ahi... que é preciso ferir!...»

Sua mão estreitou a faca voltada para a ponta da meza, em seguida subiu ao longo do peito. A voz continuava a gritar: «Fere!... Depois... que importa... Desviava o cotovello apertava o punho contra a ilharga para dar mais força ao impulso, quando seus dedos se abriram bruscamente...

Como o calor augmentasse na sala fechada, Germana acabava de desabotoar a golla do corpete. No momento em que Jaquet havia apontado a faca para ella, seus olhos haviam pousado sobre uma garganta alva, cujo resplendor offuscava o brilho aveiludado do cravo. Agora elle não via mais do que aquelle pescoço nú, puro como um lyrio, firme como se fosse de marmore, e que se erguia como o fuste de uma columna. O coração batia-lhe no fundo do peito. Um desejo violento, vago e suave, semelhante áquelle que as longinquas estrellas haviam ha pouco derramado em sua alma, subia assim como o perfume do peito della ao seu cerebro.

Insensivelmente as pulsações do coração communicaram-se ás suas mãos abandonadas sobre a meza: «Meu Deus! como ella é bella», pensava; e seu coração e mão, tremiam cada vez mais.

«E' minha mulher!» murmurava com orgulho. «Minha mulher!»

Esta reflexção fel-o curvar a cabeça, mas levantou-a logo.

Novamente seus olhos cheios de desejos fixaram-se na garganta branca. Novamente pensou: «E' minha mulher!»

Estendeu as mãos, ia gritar: «Como és bella, Germana, quando notou que ella tirava o cravo do corpete e approximava-o do rosto para aspirar-lhe o perfume.

Jaquet repelliu a cadeira com um gesto machinal. Ao mesmo tempo seus olhos depararam com a faca. Mas, não... não podia fazer isso. Amava-a muito!...

Apertou a fronte nas mãos como si quizesse esmagal-a, em seguida precipitou-se para um quarto retirado que havia perto da cosinha.

Tirou um rolo de cordas, de um cesto cheio de objectos velhos. Escolheu a mais grossa e mais resistente, pol-a no bolso e subiu ao sotão. Depois de ter dado cinco ou seis passos sondando as trevas, com os braços estendidos, riscou um phosphoro sobre a perna, e havendo-o erguido sobre a cabeça, procurou encontrar o prego que havia enterrado em um viga.

No rez do chão, Germana limpava a meza. Ia e vinha pelo quarto com um passo vivo e alerta.

Quando terminou foi ao café e levantou a vidraça. As nuvens haviam desapparecido. A lua estava alta.

Uma luz clara illuminava o caminho que nenhum ruido perturbava.

Germana envolveu em um olhar rapido esta paizagem calma e pura; em seguida seus olhos esquadrinharam os arredores. Ao cabo de alguns minutos uma sombra perfilou-se no caminho.

A mulher abaixou a cortina, correu á porta e abriu-a devagarinho...

FIM

Hypolito Carolino de Azevedo

Illmos. Snrs. Viuva Silveira & Filhos

Rio de Janeiro

Cordeaes saudações.

Tenho a satisfação de communicar a VV. SS. que no fim do anno de 1913, achava-me seriamente doente, com *tumores e manchas syphilitas* por todo o corpo.

Fiz uso de *tres vidros* de vosso conhecido preparado ELIXIR DE NOGUEIRA, do Pharmaceutico Chimico João da Silva Silveira o qual me restituio a saude, achando-me hoje radicalmente curado, podendo VV. SS. fazer d'esta o uso que lhes convier.

Offereço-vos o meu retrato tirado 4 mezes depois de me achar restabelecido o qual demonstra que estou vigoroso.

Subscrevo-me com subida estima

De VV. SS. Am.º Att.º e Cr.º

(Assig.) *Hypolito Carolino de Azevedo*

Vende-se em todas as drogarias, pharmacias, casas de campanha e sertões do Brazil.
Nas Republicas Argentina, Uruguay, Bolivia, Perú, Chile, etc.

PROVERBIOS E ANNEXINS EM DOSES HOMOEOPATHICAS

— Si o poderoso roga, rogando manda.

— Muitas cousas faltam á pobreza; á avareza, todas.

— Toma o logar de offensa o beneficio rejeitado.

— O orgulho desgraçado não inspira compaixão.

— Onde te queiram muito, não vás a miudo.

— Falta ordinariamente nos braços a força que sobeja na lingua.

— Offensa, que não haja de ser bem vingada, seja bem dissimulada.

— Nem ausente sem culpa, nem presente sem desculpa.

— A actividade sem juizo é mais ruinosa que a preguiça.

— Não é de agora o mal que não melhora.

— Quando o amor nos visita, a amizade se despede.

— E' maior desgraça commetter uma injustiça do que soffrel-a.

MARCAL JUNIOR

Qual é o rosto de Maman?

Não posso dizel-o

BARBA feita deixando a cutis macia e sedosa com impressão de frescura extremamente agradavel só se póde conseguir com a lamina da navalha afiada na occasião de barbear-se.

A Navalha de Segurança AutoStrop é a unica que se afia automaticamente. Um apparelho que faz parte da propria navalha afia a lamina com a maior perfeição, rapidez e facilidade.

E a mola reguladora ajusta a lamina afiada adaptando-a á qualidade de barba da pessoa que della fizer uso.

Navalha de Segurança AutoStrop

Afia-se, faz a barba e limpa-se sem tirar a lamina

A' VENDA NAS SEGUINTES CASAS:

Alberto de Almeida & Comp. . . Rio.
Crashley & Comp. . . . . Rio.
C. Bazin & Comp. . . . . Rio.
Fernandes Malmo & Comp. . . . Rio.
J. Mendes & Comp. . . . . Rio.

Julio Berto Cirio. . . . . Rio.
Louis Hermanny & Comp. . . Rio.
Louis Frutin. . . . . São Paulo.
Mappin & Webb. . . . . Rio e São Paulo.
Mello, Filho & Sobrinho . . . São Paulo.